



Instituto de
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Raian Schöenardie Faller

A Reforma Protestante: Martinho Lutero, Thomas Müntzer e a Guerra Camponesa de 1525. Ações e reações sobre a ordem do mundo.

Rio de Janeiro

2019

A Reforma Protestante: Martinho Lutero, Thomas Müntzer e a Guerra Camponesa de 1525. Ações e reações sobre a ordem do mundo.

Raian Schöenardie Faller

Instituto de História / CFCH

Bacharelado em História

Orientador: Carlos Ziller Camenietzki

Doutor em Filosofia (Université Paris-Sorbonne)

Rio de Janeiro

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

A Reforma Protestante: Martinho Lutero, Thomas Müntzer e a Guerra Camponesa de 1525. Ações e reações sobre a ordem do mundo.

Raian Schöenardie Faller

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.

Aprovada por:

Prof: _____
Prof. Dr. Carlos Ziller Camenietzki (Orientador)

Prof: _____
(titulação)

Prof: _____
(titulação)

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha família: aos meus pais e meu irmão pelo apoio e ajuda sempre que necessário. Também à minha esposa e companheira pela incomparável paciência para me ouvir e revisar meus escritos.

Agradeço também ao meu amigo e professor Carlos Ziller Camenietzki, pelas longas conversas, as broncas e sobretudo pelas orientações que foram passadas. Aos meus amigos do Instituto de História, pelo apoio ao longo dos anos.

Sem vocês este trabalho não seria possível.

RESUMO

FALLER, Raian Schöenardie. **A Reforma Protestante: Martinho Lutero, Thomas Müntzer e a Guerra Camponesa de 1525. Ações e reações sobre a ordem do mundo.** Orientador: Carlos Ziller Camenietzki. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de História, 2019. Monografia (Bacharelado em História).

Esta pesquisa busca identificar e analisar as diferentes perspectivas entre Martinho Lutero e Thomas Müntzer sobre as mudanças que ocorreram no Sacro Império Romano Germânico nos âmbitos políticos, econômicos e sociais durante os séculos XV e XVI. Suas visões sobre a ordem do mundo, seus confrontos de ideias e as suas ações que culminaram na Guerra Camponesa de 1525.

Palavras-chave: Reforma Protestante. Guerra Camponesa de 1525. Sacro Império Romano Germânico. Martinho Lutero. Thomas Müntzer.

ABSTRACT

FALLER, Raian Schöenardie. **A Reforma Protestante: Martinho Lutero, Thomas Müntzer e a Guerra Camponesa de 1525. Ações e reações sobre a ordem do mundo.** Orientador: Carlos Ziller Camenietzki. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de História, 2019. Monografia (Bacharelado em História).

This research seeks to identify and analyze the different perspectives between Martin Luther and Thomas Müntzer on the changes that occurred in the Holy Roman Empire in the political, economic and social spheres during the 15th and 16th centuries. His visions of the order of the world, his confrontations of ideas and his actions that culminated in the Peasant War of 1525.

Key-words: Protestant Reformation. Peasant War of 1525. Holy Roman Empire. Martin Luther. Thomas Müntzer.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1 A Sociedade Alemã no Século XVI	11
1.1 A Revolução Econômica	11
1.2 A mudança nas leis	17
1.3 A vida do povo	21
1.4 A Igreja Católica Romana nos tempos da Reforma	23
Capítulo 2 Os projetos de Reforma	27
2.1 O Misticismo Alemão	27
2.2 Martinho Lutero: A Reforma vista de cima	29
2.3 Thomas Müntzer: A Reforma vista de baixo	38
Capítulo 3 A Guerra Camponesa (1524-1525)	44
3.1 Os Anabatistas	46
3.2 O conflito entre Lutero e Müntzer	48
3.3 O confronto	52
Conclusão	65
Fontes Primárias	68
Referências Bibliográficas	69

Introdução

Ao longo da história do cristianismo, sempre ocorreram tentativas de reformular os conceitos e as práticas adotados pelos cristãos. Um movimento que proporcionou isto foi a reforma da Igreja ocorrida no século XVI, denominada mais tarde Reforma Luterana ou Protestante. Tal alcunha foi recebida não só pelo seu papel nas mudanças do mundo, mas pelas discussões que foram levantadas durante este período. Em uma abordagem rápida, é possível determinar os principais movimentos surgidos nesse período, entre eles, o iniciado pelo monge Martinho Lutero com suas 95 teses, publicadas na porta da igreja de Wittenberg em 1517. Esses movimentos surgiram, não só dentro do Sacro Império Romano Germânico como em toda Europa. Foi um período de grandes questionamentos sobre a doutrina, a prática da Igreja Católica Apostólica Romana e sobre a vida secular.

A historiografia está repleta de análises e narrativas sobre a Reforma Protestante e o seu período¹. Ainda com Lutero em vida, seus seguidores já contavam a história da Reforma e com o passar do tempo, a figura dos reformadores foi transformada do humano para o heroico. Do outro lado, a narrativa da Igreja Romana transformou estes mesmos homens em “inimigos de Deus” e na personificação das “forças das trevas”. A discussão sobre quem está certo ou se os reformadores são heróis ou vilões deve ser deixada para os teólogos, o que deve ser lembrado é que são “agentes de seu tempo” e por isso, seus feitos devem ser vistos sob esta ótica.

Esta pesquisa surgiu da procura por respostas na relação entre o fim da Idade Média e a Reforma realizada no século XVI. Além disso, a busca por identificar as diferenças sociais europeias, sobretudo no Sacro Império, nesse período que levaram ao “fracasso” em reformar a Igreja Romana, mas obtiveram sucesso em criar as suas próprias “igrejas”, indo muito além de seus predecessores. Segundo Luís Alberto De Boni, “Lutero, Müntzer e Calvino corporificam todo um movimento de renovação dentro do cristianismo ocidental. Se a estes nomes acrescentarmos o de Inácio de Loyola, listamos os principais paladinos do século XVI, aos quais se deve a reorganização das instituições cristãs do Ocidente”².

Cerca de cem anos antes da Reforma iniciada por um monge em Wittenberg, João Huss, professor da Universidade de Praga, era queimado por heresia a mando da Igreja Romana e com

¹ Como aponta De Boni, essas discussões foram produzidas em larga escala durante o processo de Unificação Alemã no séc. XIX.

² De Boni, Luis Alberto. **Escritos Seletos de Martinho Lutero, Tomás Müntzer e João Calvino**. Petrópolis, 2000. pág. 8.

o consentimento do imperador Sigismundo no Concílio de Constança³, também os restos mortais de João Wiclyff foram exumados e jogados em um riacho próximo⁴. Quais as transformações na sociedade europeia que levaram ao “sucesso” da Reforma do século XVI em relação às tentativas anteriores?

No Capítulo Um, serão apresentados alguns pontos cruciais que devem ser levados em consideração antes da análise dos projetos de Reforma. Com intuito de apresentar os pilares que sustentaram os discursos dos reformadores, serão analisados os aspectos econômicos, políticos e sociais dentro do Sacro Império Romano Germânico.

Para esta pesquisa, serão analisados os projetos de reforma de dois reformadores alemães. O primeiro será Martinho Lutero, escolhido por sua importância no movimento reformador e sua relação com a nobreza, e em segundo, Thomas Müntzer, um padre do clero secular, que aderiu ao movimento iniciado por Lutero e teve um papel ativo na Guerra Camponesa de 1525, onde ele e Lutero ficaram em lados opostos e suas visões de “igreja” entraram em conflito.

No Capítulo Dois, será apresentada uma rápida biografia dos autores e quais foram os seus passos até o início da Guerra Camponesa. Alguns dos seus escritos e pregações serão citados para dar base aos eventos desencadeados e para mostrar algumas de suas principais doutrinas.

A Guerra Camponesa de 1525 terá um papel de destaque na pesquisa por sua influência na historiografia dedicada à Reforma e por ser o palco central do conflito teológico entre Lutero e Müntzer e seus seguidores Anabatistas. Nas palavras do historiador James M. Stayer, “Anabaptism is not important for understanding the Peasants’ War, the Peasants’ War is very important for understanding Anabaptism”⁵.

Com isso em mente, no Capítulo Três, haverá uma breve exposição sobre os princípios da guerra, a formação e a relação dos Anabatistas com ela e por fim, a análise dos escritos dos dois reformadores sobre esse evento e o desfecho dele.

Apesar da vasta bibliografia sobre a Reforma Protestante, há uma grande dificuldade na

³ Durant, Will. **A Reforma: História da civilização europeia de Wyclif a Calvino**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. pág. 141.

⁴ Ibidem, pág. 31.

⁵ STAYER, James M. **The German Peasants’ War and the Anabaptist community of goods**. 1. Ed. Québec: McGill-Queen’s University Press, 1991. pág. 4.

historiografia em analisar a Reforma. Na realidade, não existe um consenso sobre os fatores que levaram à Reforma e suas ramificações ao longo dos séculos. Tampouco, buscamos fazer isso neste trabalho, mas teremos como objetivo perceber que a Reforma Protestante foi um reflexo de inúmeras transformações ocorridas na Europa nos séculos XIV e XV. Neste contexto, Lutero e Müntzer são homens dentro de seu tempo e suas doutrinas são reações a estas transformações. Estas transformações são apenas algumas das inúmeras que ocorreram dentro deste período e servem ao objetivo de “humanizar” os reformadores.

1. A SOCIEDADE ALEMÃ NO SÉCULO XVI

1.1. A Revolução Econômica

No início do século XV, a Europa vivenciava o ápice de seu “Renascimento”. Cada região, ao seu próprio modo, passava por um processo de mudanças profundas na sociedade. Os reinos católicos davam os passos finais da “reconquista” da Península Ibérica, a Guerra dos Cem Anos caminhava para fim, a fome e a mortalidade iam reduzindo na mesma medida em que novas técnicas agrícolas eram desenvolvidas e o comércio voltava a se espalhar pelo continente. As cidades italianas encabeçavam a expansão comercial pelo Mediterrâneo e suas universidades borbulhavam com os pensamentos humanistas e as releituras dos filósofos da antiguidade clássica. As artes ganhavam um “novo fôlego” nas mãos de artistas que eram cobiçados por nobres ávidos pelos seus trabalhos e grandes monumentos começavam a ilustrar as cidades.

Os estados germânicos possuíam grandes centros comerciais e vivenciavam ao seu modo o “Renascimento Europeu”. A iniciativa dos nobres em construir as suas próprias universidades em anos anteriores levou ao desenvolvimento das artes e ciências por todo o Sacro Império. Segundo Will Durant, “os artistas alemães eram citados por toda a Europa por sua superioridade em todas as habilidades [...] Talvez com mais patriotismo do que com imparcialidade”⁶. Em todo caso, as artes plásticas alemãs têm seus primeiros expoentes modernos nesse período. Escultores como Peter Vischer, Adam Kraft e Veit Stoss decoravam os castelos e igrejas com seu estilo gótico com bronze, pedra e madeira respectivamente⁷, mas

⁶ Durant, Will. **A Reforma: História da civilização europeia de Wyclif a Calvino**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. Pág. 258.

⁷ Ibidem. Pág. 260

foi em Albrecht Dürer que a Alemanha encontrou o seu grande nome das artes renascentistas.⁸

A expansão das rotas comerciais dinamizou as relações econômicas europeias e permitiu que os mercados europeus se enchessem de produtos trazidos da África e Ásia por navegadores portugueses. O historiador Durant estima que “por volta de 1448 mais de 900 escravos africanos tinham sido levados para Portugal”,⁹ assim como os feitos portugueses na navegação em torno da costa africana, culminando com Bartolomeu Dias navegando além do Cabo da Boa Esperança, chegando ao Oceano Índico e assim abrindo caminho por mar para o comércio direto com as Índias e definindo o pioneirismo português através dessa rota.

Segundo o historiador Jacob Salwyn Schapiro, a descoberta desta rota marítima, alterou o comércio do Mediterrâneo para o Atlântico. Para ele, a posição geográfica dos estados germânicos sempre os favoreceu como um dos centros comerciais europeus, mas a descoberta da nova rota trouxe grandes mudanças nos mercados germânicos

The geographic position of Germany in the middle of Europe had proved exceedingly advantageous as it made her the Center of a great international commerce with Italy on one side and with the Hanseatic towns on the other... But the new world commerce was inevitably bound to cause great changes in German trade and markets.¹⁰

Antes do século XVI, os mercados germânicos se abasteciam de especiarias orientais trazidas por mercadores italianos através do mar Mediterrâneo, porém com a descoberta de uma rota por mar e a “Queda de Constantinopla” alteraram a lógica comercial europeia colocando Lisboa e a Antuérpia à frente de Veneza e Gênova no comércio de produtos asiáticos. Com isso, não tardou para os mercadores germânicos procurarem estabelecer comércio nessas cidades. Schapiro conta que em 1503, uma empresa de Augsburg junto a outros mercadores estabeleceu um entreposto comercial em Lisboa, onde conseguiram privilégios especiais da coroa portuguesa.¹¹ Esses privilégios incluíam o direito de participar de expedições comerciais, importar produtos da Índia sem imposto e até mesmo utilizar navios portugueses.¹²

Neste momento, começa uma profunda mudança nas relações comerciais germânicas,

⁸ Ibidem, pág. 262

⁹ Ibidem, pág. 165.

¹⁰ SCHAPIRO, Jacob Salwyn. **Social Reform and the Reformation**. New York: Columbia University, 1909. Pág. 20.

¹¹ Ibidem, pág. 21.

¹² Ibidem, pág. 21.

que até então consistia em importação de produtos em troca de seus metais preciosos.¹³ O dinheiro até então tinha uma funcionalidade basicamente militar, servia para pagar os gastos militares, como a compra de armaduras e armas, assim como o pagamento de fianças. Eventualmente, servia para comprar joias e atender um pequeno luxo que começava a se desenvolver. O dinheiro ainda não tinha a função de investimento em terras ou “indústrias”. No final do séc. XV, os estados Germânicos já concentravam e mostravam as riquezas acumuladas pelo comércio, como apresenta Schapiro

The end of the fifteenth century witnessed Germany's high-noon of prosperity. Old and insignificant towns like Augsburg, Nuremberg and Ulm blossomed forth into wealthy and populous cities. The great Merchants vied with princes and kings in magnificence and luxury. Their gardens, palaces and entertainments were the envy of the poorer nobility.¹⁴

Segundo Johannes Janssen, os próprios cronistas da época relatavam essa mudança econômica na Germânia. Aeneas Sylvius, o Papa Pio II, teria dito em 1458:

We proclaim it aloud, Germany has never been richer or more prosperous than today. She takes the lead of all other nations in wealth and power. One can say truly that God has favored this land above all others. On all sides are seen cultivated farms, cornfields and vineyards and gardens. Everywhere are great buildings, walled cities and well-to-do farmers.¹⁵

Cerca de cinquenta anos depois, o humanista Jakob Wimpfeling declarou: “Germany was never more prosperous than today, and she owes it chiefly to the untiring industry and energy of her people, artisans as well as merchants. The peasants too are rich and prosperous”.¹⁶

Para Janssen e Schapiro, tais relatos expressam o quanto a expansão comercial transformou a sociedade germânica nos séculos XV e XVI e proporcionou uma mudança social que atingiu em cheio a sociedade ainda marcada profundamente pelo passado medieval, levando a ascensão burguesa e ao declínio da nobreza cavaleiresca. No início do século XVI, o centro desse “proto-capitalismo” germânico era a cidade de Augsburg. De lá, se comercializava com os principais portos comerciais europeus, seja Lisboa ou Veneza, e a presença de duas das

¹³ Ibidem, pág. 21.

¹⁴ Ibidem, pág. 21

¹⁵ Apud JANSSEN, Johannes. History of the German People at the Close of the Middle Ages. Vol.II, London: Paternoster House, 1896. Pág. 59.

¹⁶ Ibidem Pág. 61.

grandes casas mercantis germânicas favorecia essa centralidade: Os Wessers e os Fuggers.

Jakob Fugger (1459-1525), apelidado de “O rico”, nasceu em uma família de mercadores, mas que rapidamente adquiriu terras e se envolveu com mineração e empréstimo financeiros. Segundo Schapiro, Jakob conquistou o controle sobre as minas de carvão da Hungria, Tirol, Caríntia e Turíngia graças aos empréstimos financeiros às autoridades.¹⁷ Ele explica que devido à irregularidade na cobrança de impostos e taxas por parte da nobreza, muitos deles recorriam frequentemente a empréstimos com os Fuggers a fim de custearem os gastos próprios; em troca eram concedidos direitos à mineração, terras e castelos. A figura mais proeminente que possuiu dívida com o Jakob Fugger certamente foi o Imperador Maximiliano I do Sacro-Império Romano-Germânico, que emprestou cerca de 94.000 florins e 170.000 ducados nos primeiros 10 anos do século XVI.¹⁸ Conrad Meyer, que foi secretário de Fugger, citado por Janssen aponta que “The capital of the Fuggers received an increase of 13.000.000 florins in the course of seven years”.¹⁹ Este acúmulo de riqueza na mão de um homem livre, porém sem títulos de nobreza, serve mais uma vez para exemplificar este fenômeno da ascensão burguesa numa sociedade profundamente enraizada em suas tradições medievais, onde o comércio e o crescente monopólio permitiram à homens livres adquirirem luxos que enchiam de inveja a nobreza empobrecida.²⁰

Ao mesmo tempo em que alguns mercadores criavam verdadeiros monopólios e com isso aumentavam a sua riqueza, os pequenos comerciantes eram deixados de lado e acabavam sendo suprimidos pelas grandes associações de comerciantes. De acordo com Janssen,²¹ as associações que haviam sido formadas para reduzir despesas de compra e transporte de produtos, rapidamente começaram a vender em conjunto e definindo um preço em comum. Aos poucos, foram desenvolvidas técnicas por esses comerciantes para garantir sempre o controle sobre os produtos, como diz Lutero

Alguns vendem sua mercadoria acima da cotação da praça ou da prática comum de mercado. Elevam os preços só porque sabem que essa mercadoria não existe na região ou dentro em pouco não mais será fornecida, mas que ela será solicitada. [...] Também existem os que compram todo o estoque de algum bem ou mercadoria numa região ou numa cidade para tê-los em seu exclusivo

¹⁷ SCHAPIRO, 1909, pág. 22.

¹⁸ Ehrenberg, *Das Zeitalter der Fugger*, i. PP 95-97. Apud Schapiro, pág. 23.

¹⁹ Apud JANSSEN, 1896, Pág. 86.

²⁰ SCHAPIRO, 1909, Pág. 21

²¹ JANSSEN, 1896, Pág. 25.

poder e então poderem fixar o preço, elevá-lo e vender tão caro quanto queiram ou possam.²²

Além de Lutero, outros também criticaram o surgimento desses monopólios e seus funcionamentos. Na primeira Dieta de Nuremberg (1522-1523), citada por Schapiro, é registrada a queixa sobre essas companhias que monopolizavam o comércio

The companies take special care to monopolize those spices that are most needed.[...] If a poor Merchant desires to deal in these wares, the companies are immediately at his throat. They are able to ruin him, because having more Money and more goods, they are able to sell cheaper and give longer credit.²³

Em 1518, o parlamento de Innsbruck declarou sobre essas mesmas companhias: “through their money power, they have become so strong, that no merchant having less than 10.000 florins is able to compete with them”.²⁴ Tal monopólio dos comerciantes vai gerar uma grande mudança nos preços nos primeiros 25 anos do século XVI, onde alguns preços vão aumentar quase cem por cento e além,²⁵ mas como o próprio Schapiro explica, o aumento da demanda pelos produtos graças ao crescimento econômico e o aumento da quantidade de moedas em circulação também impactou nessa alta de valores,²⁶ mas de modo geral, todos creditavam o aumento dos preços ao monopólio comercial. Não faltaram pedidos e protestos contrários a esta burguesia que se formava e cada dia aumentava em poder e riqueza, principalmente partindo da baixa nobreza, que já se encontravam mais pobres que os ricos burgueses.

Não foram poucas as tentativas de conter o crescente domínio dos grandes comerciantes. As reações foram desde discursos exaltados duvidando da ética destes como fez Lutero, citado por Schapiro, “how can it be possible, that anyone can through righteous methods in a short time become richer than kings and emperor”,²⁷ a decretos promulgados pelas lideranças políticas na tentativa de controlar o comércio e coletar impostos. Na Dieta de Nuremberg, um comitê foi escolhido para analisar e montar leis específicas para o controle desse novo sistema econômico que se formava e o resultado do comitê foi um compilado de dez regras que

²² LUTERO, Martinho. Comércio e Usura. In: Obras Seleccionadas. Vol. 5, 1995, São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia. pág.390.

²³ Deutsche Reichstagsakten, III, p. 581, apud SCHAPIRO, 1909, pág. 26.

²⁴ Apud SCHAPIRO, 1909, pág. 27.

²⁵ SCHAPIRO, 1909, pág. 27.

²⁶ Ibidem, pág. 29.

²⁷ Apud SCHAPIRO, 1909, pág. 32.

deveriam ser adotadas e seguidas em todo o império.²⁸

Apesar desses movimentos contra o monopólio comercial, as medidas adotadas foram pouco efetivas e logo deixaram de ter algum valor. Nas palavras de Schapiro, os decretos da Dieta de Nuremberg “very soon became a dead letter”.²⁹ A resistência dos comerciantes, inclusive levando o caso ao Imperador Carlos V ameaçando buscar formas de evitar o pagamento das taxas já estabelecidas, serviu para enfraquecer os movimentos oposicionistas. No entanto, a participação dos principais líderes políticos nas companhias, assim como os príncipes que compartilhavam secretamente dos lucros delas, foi fundamental para o estabelecimento dessas companhias e o fim de qualquer tentativa eficaz de controle sobre o comércio. Schapiro, novamente utiliza Lutero para demonstrar isso, onde ele diz

I hear [...] that the princes have a finger in the pie and have become the companions of thieves. The princes readily hang a thief who steals a gulden but are hail-fellows-well-met with those Rob the whole world; hence the proverb ‘the big thieves hang the little ones.’³⁰

Diante dessa perspectiva, não tardou muito para a sociedade englobar essa nova forma de organização econômica, principalmente nas cidades onde haviam um fluxo maior de viajantes e comerciantes. Ao mesmo tempo, a nobreza ávida pelos produtos que vinham de outros lugares, começou a comprar e inserir em seu cotidiano tais produtos que eram símbolos de luxo e riqueza. Para suprir essa demanda, era necessária uma reformulação da sociedade como um todo, aquelas tradições perpetuadas por gerações tão intrínsecas à sociedade feudal germânica, muitas vezes ligadas ao coletivo social, precisavam ser postas de lado para que uma nova forma de interpretar conceitos como propriedade, direitos, relações sociais e até mesmo leis fosse implementada. Uma nova diretriz que atendesse aos interesses dos nobres que haviam ficado de fora da expansão comercial, mas que encontraram uma forma de tirar proveito dela.

1.2. As mudanças nas leis

Com as grandes mudanças ocorridas ao longo dos últimos séculos, principalmente nas relações comerciais, a antiga estrutura social dos estados germânicos também precisou ser alterada. Para acompanhar essa transformação, foi necessário a reformulação das leis e das formas de interpretá-las. O historiador Schapiro descreve as leis germânicas como “a vast array

²⁸ Deutsche Reichstagsakten, III, p.582-599, apud SCHAPIRO, 1909, p.38

²⁹ SCHAPIRO, 1909, pág. 28.

³⁰ LUTERO, Martin, Werke (Weimar), XV, p. 313 Apud SCHAPIRO, 1909, pág. 32.

of uncodified local laws and customs, varying with the principality, commune, town, village or manor”.³¹ No geral, as leis germânicas não dispunham de uma base jurídica comum em todo o território e apesar de algumas tentativas em codificá-las e interpretá-las, ainda se manteve como uma legislação local, variando as leis e as interpretações de acordo com a região. Do mesmo modo, o processo de centralização política nas mãos dos príncipes mostra um enfraquecimento da figura do imperador,³² que dependia muito do apoio destes e de seus exércitos nas campanhas militares. Segundo Schapiro, nobres como o eleitor da Saxônia e o Marquês de Brandenburgo haviam conquistado tanto poder político que eram praticamente chefes de estados independentes. Tal processo colocava a figura do príncipe germânico no centro da sociedade política enquanto deixava de lado a antiga nobreza cavalesca, que por sua vez perdia prestígio devido às inovações militares, poder em função da centralização política e riqueza devido ao aumento dos preços. De fato, não foram somente os camponeses que organizaram revoltas sistemáticas dentro do Sacro Império Romano-Germânico, cavaleiros como Götz Von Berlichingen e Florian Geyer estiveram presentes na Guerra Camponesa lutando contra os príncipes.³³

Esse processo de descentralização política permitiu que cada príncipe adotasse a sua própria forma de interpretar as leis. Diante do crescimento dos monopólios econômicos e a crescente necessidade da nobreza em adquirir mais riquezas para suprir as suas necessidades financeiras, uma legislação baseada nas relações comunais, onde o bem da comunidade deveria prevalecer ao bem individual precisava ser substituída para dar embasamento jurídico à elite e a implementação do Direito Romano foi a solução. A utilização de juristas romanos foi fundamental para os príncipes legitimarem aquilo que fora conquistado pela força. Schapiro aponta que os legisladores romanos aplicavam livremente o ditado “*Quod principi placuit, legis habet vigorem*”³⁴ na defesa de seus patrões.³⁵ Diferente da lei germânica, que levava em consideração a classe, a profissão e a condição dos envolvidos, a lei romana baseava-se na ideia de distinção apenas entre mestres e servos e uma mesma lei para todos, independentemente da condição social de cada indivíduo.³⁶

O Direito Romano do final da Idade Média tem a sua origem no Código Justiniano,

³¹ SCHAPIRO, 1909, pág. 314.

³² Ibidem, pág.315.

³³ Ibidem, pág. 343-344.

³⁴ Em tradução livre: O que agradou ao príncipe tem a força da lei.

³⁵ SCHAPIRO, 1909, p.315

³⁶ Ibidem, pág.316.

promulgado pelo imperador bizantino no século VI após convocar juristas e professores de direito para organizar as diversas constituições vigentes do Império Romano. Para o Ocidente, o Código Justiniano foi deixado de lado por boa parte da Idade Média até a sua “redescoberta” por Irnério no séc. XII, quando funda a Escola dos Glosadores em Bolonha. A partir dos estudos do Código, os estudiosos bolonheses tentaram adaptar suas leis para as legislações vigentes, como o direito consuetudinário e o Direito Canônico.³⁷

Apesar da oposição da Igreja Católica, esse “Novo Direito Romano” conseguiu algum prestígio principalmente entre reis e imperadores que buscavam exatamente uma forma de centralizar o poder e distanciar o poder papal de seu território. Segundo Schapiro,

The new study received hearty encouragement at the hands of the emperors, particularly Frederick I and II, because it favored their claims against those of the popes with whom they were then struggling.³⁸

Tão logo começaram a obter êxito nos julgamentos, os juristas especializados em direito romano começaram a ser incorporados na sociedade. Sendo contratados como embaixadores e conselheiros pelos príncipes, rapidamente ocuparam os cargos políticos que até então eram comuns ao clero. Com isso, os juristas começaram a participar dos eventos de seus mestres, como as dietas imperiais e locais. No entanto, o historiador Johannes Janssen diz que

however greatly the influence of the Romanists in imperial affairs from the beginning of the fourteenth century encouraged the reception of the Roman Code, it was not until the middle of the fifteenth that it began seriously to supplant the national law. There was as yet no question of filling the courts with learned doctors. The national German law and traditional customs continued in force throughout the provinces; and as for written laws, it was only the German law-books that commanded universal respect.³⁹

Esta resistência se deu em grande parte pela própria Igreja Católica, que via o direito romano como algo que procurava destruir o direito canônico. Segundo ele, em 1180 o papa Alexandre III proibiu os monges de estudarem o Código Justiniano. Já em 1219, o papa Honório III proibiu o estudo a todos os padres e no ano seguinte, aos leigos de compartilharem de leituras do código sob pena de excomunhão. Mesmo assim, no século XV, o estudo do Direito Romano

³⁷ SALERNO & ZEMUNER, 2006, pág. 129

³⁸ SCHAPIRO, 1909, pág. 317.

³⁹ JANSSEN, 1896, Vol II, pág. 164.

havia se estabelecido nas universidades italianas e ao final do século, já era uma disciplina presente na maioria das universidades germânicas. Schapiro indica que o número de graduados na Universidade de Erfurt triplicou nessa área entre a primeira e segunda metade desse século. Rapidamente, o número de juristas em direito romano presentes nas cortes e nas câmaras municipais cresceu em função da ideia entre os governantes que somente alguém que tivesse estudado as leis romanas estaria apto a ser um juiz. E da mesma forma que cresceram em números, cresceram em importância, sendo colocados no mesmo nível que a baixa nobreza.⁴⁰

Ao final do século XV, basicamente todas as cidades germânicas possuíam pelo menos um especialista em direito romano em seus tribunais, mesmo que fosse apenas como um conselheiro. Segundo Schapiro, devido às suas habilidades superiores esses juristas influenciaram as cortes municipais para adotarem a nova legislação. Ele escreve que

The introduction into the town courts of this commanding code was even more quickly accomplished. The method generally followed was to appoint a jurist called a Stadtschreiber whose function it was to sit and advise with the judges. [...] These men, merely advisors at first, because their superior abilities powerfully influenced the procedure of the courts in the directions of Roman Principles. Finally the Stadtschreiber absorbed the powers of the court and became the sole judge.⁴¹

Não demorou para que os juristas romanos se tornassem os verdadeiros líderes dos tribunais e relegassem os demais membros do conselho do tribunal ao segundo plano. Philippe Melanchton ironiza dizendo que os juristas “lead the Schöffen⁴² around just as one leads a gentle cow by the nose”.⁴³ Quando algum caso baseado na lei germânica era levado perante o júri, era confrontado com requisições de provas típicas até então das leis romanas como contratos e registros escritos. Assim, como boa parte das leis germânicas não estava escrita nem registrada formalmente e se baseava apenas nas tradições, rapidamente foi substituída pelo Direito Romano.

Schapiro aponta que as leis romanas eram apropriadas para um sistema econômico baseado em alguns grandes senhores de terras e uma imensa quantidade de servos. Prevalencia a ideia de que cada indivíduo deveria buscar a própria riqueza protegido pelo poder do estado.

⁴⁰ SCHAPIRO, 1909, pág. 318.

⁴¹ Ibidem, pág. 319.

⁴² Significa Júri.

⁴³ Apud SCHAPIRO, 1909, pág. 320.

Enquanto as leis germânicas valorizavam o bem-estar coletivo em relação ao individual. Como o Direito Romano baseava-se apenas nos conceitos de Senhores e Servos, e foi ignorando uma quantidade imensas de classes existentes entre os camponeses e suas especialidades que a situação já difícil de vários camponeses e homens livres foi subjugada, e as liberdades destes se tornaram cada vez mais restritas, como Schapiro explica que

The tendency, already strong, to reduce a comparatively free and prosperous peasantry to a state of hopeless serfdom by increasing dues and services, confiscating common lands and enforcing severe game laws, received a fresh impetus through the introduction of this ancient ideal.⁴⁴

Do mesmo modo que os juristas romanos cresciam em prestígio e poder dentro das cortes, a oposição a eles também cresceu, principalmente entre as classes mais baixas da sociedade medieval, mas com vozes dentro de grupos, que embora em franca decadência, possuíam algum prestígio como os cavaleiros. As críticas variavam entre textos sarcásticos a protestos insignificantes. O satirista Sebastian Brant, citado por Schapiro, compôs um poema comparando o cavaleiro ao jurista:

The robber-knight steals openly, the lawyer, secretly. The former exposes his body to danger and storm, the latter sneaks behind his ink-stand. The one burns and destroys, the other roasts the peasant with papers.⁴⁵

Já Ulrich Von Hutten, um importante reformador e líder dos cavaleiros imperiais do Sacro Império Romano também teceu críticas aos juristas. Ele diz:

They take an odious pride in their subtlety in transforming everything, particularly the government. Of what sort of stuff are these lawyers made? If the princes only knew how light are these fellows who appear so weighty! Honest men are circumvented by their trickery and the laws they twist as it pleases them. Hence justice is corrupted.⁴⁶

Os inúmeros movimentos e críticas aos juristas romanos tiveram um pequeno resultado, algumas proibições como no caso da Baviera, onde em 1463, o Duque Johann teve que prometer não indicaria juristas romanos para sua corte assim como erradicaria a lei romana em seus territórios. No entanto, os resultados foram inexpressivos se comparados à quantidade

⁴⁴ SCHAPIRO, 1909, pág. 322

⁴⁵ Apud SCHAPIRO, 1909, pág. 324

⁴⁶ Apud SCHAPIRO, 1909, pág. 324.

de juristas que existiam dentro dos estados germânicos. Schapiro aponta que o crescimento da lei romana continuou sem grandes dificuldades, e até o final do século XVI, a lei germânica já havia praticamente desaparecido.

1.3. A vida do povo

As mudanças políticas e econômicas ocorridas no final do século XV na sociedade talvez tenha tido como “principais vítimas” aquelas pessoas que sempre foram deixados de lado, mas ao mesmo tempo sempre foram a base da “pirâmide social”: o povo comum. Estes, compreendidos como todos os homens livres das cidades e do campo, presenciaram as mudanças ocorridas. Os que habitavam nas cidades foram os primeiros a sentir os impactos do crescimento dos monopólios comerciais, onde percebiam em seus bolsos a inflação dos preços ao mesmo tempo em que viam a desvalorização da mão-de-obra em função dos crescimentos urbanos e a chegada cada vez maior de pessoas vindas do campo. Schapiro aponta que entre 1500 e 1525 os preços subiram de forma impressionante: a carne bovina teve um aumento de 15%, a carne suína e as roupas subiram 50%, mesmo com o crescimento da produção nas fazendas e do aumento das ofertas comerciais.⁴⁷

Ao mesmo tempo, a antiga nobreza cavalesca foi posta de lado e substituída por exércitos treinados e munidos com os equipamentos mais modernos. A chegada da pólvora no Ocidente e a utilização das armas de fogo tornaram obsoletas as armaduras, espadas e arcos. Aos velhos soldados restavam apenas aquelas propriedades adquiridas com os feitos de guerras e dali tirarem o seu sustento. Estes nobres, por ficarem de fora do monopólio comercial, viram sua riqueza diminuindo enquanto os comerciantes acumulavam riqueza e poder. Para suprir as suas necessidades, esses cavaleiros se alistavam em exércitos mercenários e aumentavam as taxas sobre os camponeses que trabalhavam em suas terras. Desta forma, permanecer no campo tornava-se cada vez mais difícil aos camponeses, pois viviam com o medo dos assaltos cada vez mais recorrentes e também não podiam abrir mão de trabalhar para atender uma demanda cada vez maior do senhor das terras. Ainda que houvesse a possibilidade de migração entre feudos, ao homem do campo haviam poucas opções: Tentar a vida nas cidades muradas ou submeter-se às vontades de um senhor. Estas dificuldades são muito bem expressadas nos “Doze artigos dos camponeses da Suábia”⁴⁸, um panfleto publicado em 1525 com doze

⁴⁷ SCHAPIRO, 1909, pág. 301.

⁴⁸ O título completo em português seria: *Fundamentais e verdadeiros artigos principais de todo campesinato e dos vassallos sob as autoridades religiosas e seculares, pelas quais se creem sobrecarregados*. “Trata-se originalmente do escrito programático que reuniu as queixas das aldeias próximas a Baltringen, no sul da

reinvidicações dos camponeses que neste momento já haviam começado a sua rebelião.

Com a crescente pobreza, o descrédito das instituições religiosas aumentava à mesma medida em que o alto clero exibía uma riqueza incompatível com os ensinamentos pregados. Ao mesmo tempo, o medo da punição divina após a morte mobilizava profundamente a sociedade para uma “piedade” marcada muito mais pelo temor ao juízo do que pela fé no divino. Tal medo serviu como base para a consolidação do mercado de indulgências por toda a Alemanha, onde por um valor específico era possível “adquirir” o perdão dos pecados cometidos, em alguns casos até dos que ainda seriam praticados, assim como, “salvar” as almas do purgatório ou se não houvesse condições financeiras suficientes, reduzir em alguns anos a agonia.

As indulgências tiveram início a partir das penitências orientadas pela Igreja, onde após uma oferta ou doação, o penitente era absolvido de forma parcial junto com a contrição, confissão e absolvição. Durant aponta que “a substituição do castigo por uma soma de dinheiro (Wehrgeld) era costume estabelecido de longa data nas cortes seculares, portanto, não houve gritaria ante a aplicação da ideia às indulgências”.⁴⁹ No entanto, segundo ele, devido à complexidade teológica do tema, a simplicidade do povo comum e a ganância dos “perdoadores”, que eram os responsáveis pela venda das indulgências e ficavam com um percentual em cima da venda, foi deturpada e os demais ritos necessários da penitência e absolvição dos pecados fora deixado de lado, e o perdão dependia “quase completamente da contribuição monetária”.⁵⁰

Os camponeses que eram majoritariamente supersticiosos, atrelavam as doenças, as pragas e os fenômenos da natureza à vontade divina, dependiam diretamente dos líderes religiosos para apresentarem explicações e soluções para o problema do dia-a-dia. A fé era uma das poucas coisas que os camponeses podiam chamar de sua e o medo de lhe ser retirado a redenção eterna era muito grande. Estes homens comuns rendiam-se aos seus senhores e aos seus clérigos, entendiam que existia uma ordem no mundo, onde todas as coisas estavam no

Alemanha, a partir das quais formou-se a maior e mais poderosa milícia dos rebelados... Acredita-se que os autores tenham se inspirado em *Baltasar Hubmeier* (1485-1528), reformador radical, pregador e, desde 1525, líder do movimento anabatista na localidade de Waldshut, onde promoveu ativamente uma coalizão entre setores urbanos e camponeses rebelados”. RIETH, W. Ricardo. Nota de rodapé em *A Guerra dos Caponeses*. In: Martinho Lutero – Obras Seleccionadas. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, vol. 6, 1996, pág. 274.

⁴⁹ DURANT, 2002, pág. 19.

⁵⁰ DURANT, 2002, pág. 19

lugar por vontade de Deus. Para eles, a esperança de liberdade residia na vida após a morte e por isso, deveriam esforçar-se em manterem-se aptos para a redenção. Como não podiam cumprir longas peregrinações, nem manusear uma espada para lutar contra os turcos, a chegada da venda das indulgências foi rapidamente acolhida, pois poderiam obter o perdão pelos pecados com o fruto do próprio trabalho.

É claro que nem todos concordaram com a venda das indulgências. Durant cita o exemplo do reitor da Universidade de Oxford, aproximadamente em 1450, que reclamou:

Os pecadores de hoje em dia dizem: ‘Não me importa quantos pecados eu faça pelo julgamento de Deus, pois posso arranjar facilmente uma remissão plenária de toda a culpa e penitência com uma absolvição e uma indulgência concedidas pelo papa, cuja permissão escrita comprei por quatro ou seis *pence*, ou ganhei como prêmio por um jogo de tênis [com o perdoador]’. Pois estes mercadores de indulgências perambulam pelo país, e dão uma carta de perdão, às vezes por dois *pence*, às vezes por um gole de vinho ou cerveja... ou até pelo aluguel de uma prostituta, ou por amor carnal.⁵¹

Na Alemanha, as reclamações também surgiram por todos os cantos e entre todos os níveis da sociedade. Os mais pobres viam-se trabalhando para sustentar aos seus senhores e salvar suas vidas terrenas, e somente após a morte terem o descanso prometido. Os nobres viam com maus olhos essa capitalização de riqueza da Igreja Católica e o poder do clero, que facilmente escapava das leis do Estado. Em 1522, durante a Dieta de Nuremberg, foi declarado “que nenhuma justiça poderia ser mantida por um queixoso laico contra um defensor clerical perante um tribunal espiritual, e advertia que, a menos que o clero se submetesse às cortes seculares, haveria um levante contra a Igreja na Alemanha”.⁵²

Os críticos à Igreja encontraram na corrupção do clero e na insatisfação popular o espaço necessário para suas reclamações. A sociedade agonizava de tal forma por mudanças, que bastava uma “faísca” para explodir a ordem instaurada e dar partida no motor de transformação. Esta “faísca” surgiu em Wittenberg, causada por um monge até então desconhecido, que incendiou a Alemanha como ninguém nunca havia visto.

1.4 A Igreja Católica Romana nos tempos da Reforma

⁵¹ apud DURANT, 2002, pág. 20

⁵² DURANT, 2002, pág. 21

A premissa contemporânea da separação entre o Estado e a Igreja não deve ser aplicada na sociedade europeia no final da Idade Média, ela era intimamente ligada ao religioso. As discussões filosóficas, as artes e até mesmo a vida simples dos camponeses giravam em torno da relação com o sobrenatural, ao mesmo tempo, a Igreja e a nobreza se apropriavam das crenças do povo para estabelecerem a sua ordem ao mundo e quando ocorria de seus ideais colidirem, era comum que a disputa fosse resolvida através da demonstração de força diplomática e militar dos envolvidos. O papa não era somente o chefe da Igreja, era também chefe de toda a cristandade, exercendo influência nas decisões políticas dos reinos europeus. O historiador Will Durant aponta que:

A Igreja estava no auge quando, pelas consolações de seu credo, pela magia de seu ritual, pela moralidade mais nobre de seus adeptos, pela coragem, zelo e integridade de seus bispos, e pela justiça superior de seus tribunais episcopais, tomou o lugar deixado vago pelo governo imperial romano como chefe da ordem e da paz na Idade Média (aproximadamente 524-1079 d.C.) do mundo cristão. À Igreja, mais do que a qualquer outra instituição, a Europa devia a ressurreição da civilização no Ocidente depois da invasão bárbara da Itália, Gália, Inglaterra e Espanha.⁵³

Ao ocupar o espaço deixado pelo Império Romano, a Igreja colocava-se como “herdeira” secular. Se através da sua centralização e normatização religiosa conquistou as almas para Cristo, foi através da diplomacia e se necessário, da força militar, que conquistou seu poder secular. Caso algum nobre fosse contra a decisão papal, seria excomungado e com isso, qualquer um que declarasse guerra a ele estaria a serviço de Deus. Ao final do século XV, já afastada dos princípios apostólicos que a desenhara, havia se afirmado como potência política na Europa Ocidental e escorava-se nos vastos laços políticos para garantir sua hegemonia na sociedade.

Contudo, o poder político conquistado pela Igreja Católica trouxe também o desafio da nobreza que via as suas propriedades sendo acumuladas pela igreja, e inúmeros são os relatos de conflitos militares entre reis e o papa. Os desenvolvimentos científicos e comerciais do final da Idade Média serviram como ponto de partida para o rompimento de parte da Europa com a Igreja e também com a sociedade feudal, como diz Durant

A religião, normalmente, prospera em um regime agrícola, a ciência, em uma

⁵³ Ibidem, pág. 5

economia industrial. Cada seara é um milagre da terra e um capricho do céu; o camponês humilde, sujeito ao tempo e consumido de trabalho, vê forças sobrenaturais em toda a parte, reza por um céu propício, e aceita um sistema feudal-religioso e fidelidades gradativas subindo através do vassalo, do senhor feudal e do rei até Deus. O trabalhador da cidade, o negociante, o industrial, o financista vivem em um mundo matemático de quantidades e processos, de causas materiais e efeitos regulares; a máquina e a tábua de calcular predispõem-nos a ver, por sobre espaços abertos, o domínio da ‘lei natural’. O crescimento da indústria, do comércio e da finança no século XV, a passagem do trabalho do campo para a cidade, a elevação da classe comerciante, a expansão da economia local para a nacional e internacional – foram todos presságios maus para uma fé que se amoldara tão bem ao feudalismo e às sombrias vicissitudes dos campos.⁵⁴

Não foram poucos os críticos à Igreja que estavam dentro dela. Intelectuais formados nas escolas e universidades que ela ajudou a construir, logo começaram a apontar os deslizes da cúria romana, mas também do estilo de vida do baixo clero, ainda que certos pecados, como o concubinato, fossem melhor recebidos e em alguns casos até defendido pelos leigos como uma forma de “resistência” a lei do celibato,⁵⁵ que aos olhos dessa geração de teólogos recém-formados serviam para afastar os homens da fé, como diz São Bernardino em 1420

Muitíssimas pessoas, considerando a vida pecaminosa de monges e frades, freiras e clero secular, ficam abaladas com isso; não só, muitas vezes, enfraquecem na fé, e não acreditam em coisa mais alta do que o telhado de suas casas, não considerando verdadeiras as coisas que se escreveram concernentes à nossa fé, mas acreditam que elas foram escritas pela obra enganadora dos homens, e não pela inspiração de Deus... Desprezam os sacramentos... e afirmam que a alma não tem existência nem tampouco... temem o inferno ou desejam o céu, mas agarram-se de todo o coração às coisas transitórias, e decidem que este mundo será seu paraíso.⁵⁶

De todos os ditos males dentro da Igreja, pecados como a simonia e a falta de respeito aos preceitos da fé são os mais indicados pelos seus críticos. Um século mais tarde Erasmo de Rotterdam diz que “Muitos conventos de homens e de mulheres pouco diferem de bordéis

⁵⁴ DURANT, 2002, pág. 13

⁵⁵ Ibidem, pág. 19

⁵⁶ Apud DURANT, 2002, pág. 13

públicos”.⁵⁷ Já o frade dominicano John Bromyard, escreveu sobre seus companheiros no século XIV que

Aqueles que deviam ser os pais dos pobres... cobiçam as comidas requintadas e apreciam o sono matinal... Muito poucos se dignam estar presentes às matinas ou à missa... Estão gastos de glotonaria e embriaguez... para não dizer de sujeira, e por isso, agora as reuniões de clérigos dão a impressão de bordéis de gente lasciva e congregações de atores de teatro.⁵⁸

O próprio Papa Leão X reconhece esses problemas em 1516: “A falta de regulamento nos mosteiros da França e a vida sem recato dos monges chegaram a um tal abismo que nem os reis, os príncipes e os fiéis em grande maioria têm mais qualquer respeito por eles”.⁵⁹ Mas, apesar das crescentes críticas aos costumes e hábitos da Igreja, as tentativas de reação a elas ficavam cada vez mais lentas e ineficientes, como aponta Will Durant explicando a razão para o insucesso dessas empreitadas como resultado de toda a organização política dentro da própria Igreja.

A Igreja tentou repetidamente, e muitas vezes com sinceridade, expurgar suas fileiras e suas cortes, e adotar uma ética financeira superior à moralidade laica dos tempos. Os mosteiros tentaram muitas vezes restaurar seus regulamentos austeros, mas a constituição do homem modificava a redação de todas as constituições. Os concílios tentaram reformar a Igreja, e foram derrotados pelos papas; os papas tentaram, e foram derrotados pelos cardeais e pela burocracia da Cúria.⁶⁰

Mesmo assim, seria necessário um grande cisma dentro da Igreja e uma crise política na Europa para que os alicerces da “corrupção” eclesiástica fosse tratada e a Igreja revesse a sua própria condição e doutrina diante de um mundo em expansão.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica Romana vivenciou o ápice de seu poder e começou a pagar o preço por isso. No final do século XV, Roma já não era mais o centro do mundo, Jerusalém pertencia aos “inimigos” da fé assim como o Império Bizantino, último herdeiro oriental do antigo Império Romano, também caíra sobre o domínio turco. Do outro lado do mundo, foram encontradas civilizações tão grandes e desenvolvidas quantos as

⁵⁷ Erasmus, 1901, apud DURANT, 2002, pág. 17

⁵⁸ BROMYARD, séc. XIV, apud DURANT, 2002, pág. 17

⁵⁹ Apud Durant, pág. 17

⁶⁰ DURANT, 2002, pág. 21

europeias, os reis voltaram os olhos para esse “novo mundo” e a perspectiva de novas descobertas e novas rotas comerciais afetaram o poder da Igreja, afinal, o mundo já não era mais composto de verdades absolutas e a coragem e ambição humana transformou aos poucos as relações humanas.

2. Os projetos de Reforma

2.1. O Misticismo Alemão

Antes de aprofundarmos sobre os dois projetos de reformas que serão expostos mais adiante, é necessário falarmos de um fenômeno ocorrido alguns séculos antes - a ascensão dos místicos medievais. A princípio tal fenômeno não parece estar diretamente ligado a Reforma Protestante, mas a fundamentação da Teologia pós-escolásticas se dá através das inúmeras teses desenvolvidas por esses teólogos e filósofos do misticismo, que levaram para dentro da Igreja aspectos platônicos e das próprias tradições pagãs de seus povos originários.

O historiador Bengt Hägglund, em seu livro *História da Teologia* trata sobre o tema e afirma:

É frequente ouvir-se dizer que o misticismo e o escolasticismo foram adversários um do outro, mas a verdadeira relação entre ambos desafia essa conclusão. O misticismo não era estranho à teologia escolástica, tampouco esta era estranha ao misticismo.⁶¹

Para ele, o misticismo medieval se fundamentava na teologia agostiana e na piedade monacal. As propostas giravam em torno da piedade e da existência do homem, mas o pilar que sustentava os místicos era a experiência com o divino, um “cristianismo pessoal” era mais importante do que os ritos de dogmas. Johannes Eckhart (m.1327), a quem foi dado o título de “Meister” é tido como o maior defensor do misticismo medieval e ao misturar o neoplatonismo com o cristianismo desenvolveu teses que viriam a ser propagadas e defendidas por grandes nomes da filosofia, como Nicolau de Cusa, nos séculos seguintes.

Ainda segundo Hägglund,

o misticismo da Baixa Idade Média foi dominado pela escola que em geral é denominada de misticismo alemão, por causa de sua origem geográfica. No

⁶¹ HÄGGLUND, 2014, pág. 163

Norte e Ocidente da Alemanha, surgiu o grupo denominado de *die Gottesfreunde* (os amigos de Deus). Os mais destacados autores místicos alemães pertenciam a esse grupo.⁶²

Dentro deste grupo, veio o livro de autor desconhecido, o *Theologia deutsch* considerado um dos principais livros para se compreender o pensamento desse misticismo alemão e as ideias iniciais de Martinho Lutero e teria sido o primeiro livro que ele mandou imprimir, e segundo o próprio “além da Bíblia e Santo Agostinho, este livro me ensinou mais do que qualquer outro”.⁶³

Os fundamentos desse misticismo, representados através das teses de Eckhart tratam principalmente da essência de Deus e da relação Criador-Criação. Para ele, Deus é a Unidade Absoluta e tudo que existe é parte criação e parte emanação dessa mesma unidade. Sendo assim, a alma humana ocupa um espaço intermediário entre os dois polos, possuindo uma essência divina, onde ela é idêntica à Unidade Absoluta e onde Deus nasce na alma,⁶⁴ ou seja, todo o ser possui a essência de Deus pela emanação. Perigosamente próximo do panteísmo por propor que toda alma possui essência divina, Eckhart desenvolve a distinção entre Deus e o homem. Dentro de sua concepção, “o homem é salvo morrendo para o mundo e recolhendo-se dentro de si mesmo, a ponto de poder unir-se com o divino”.⁶⁵ Para isso, são necessárias três etapas: a purificação, onde o homem deve se arrepender, abdicando da busca pelo pecado; a iluminação, baseada nos princípios do sofrimento e obediência de Cristo, este sendo sempre o “protótipo da união de Deus com o homem”, e na prática do amor ao próximo como a “forma mais elevada de amor a Deus”;⁶⁶ por fim, a última etapa, a união, consistia na libertação total das coisas terrenas e a alma do homem se une a Deus. O resultado desta união poderia produzir visões “que constituem o auge da vida do piedoso”.⁶⁷

Apesar de Eckhart pautar seu misticismo mais nas ideias neoplatônicas do que na doutrina cristã tradicional, Hägglund aponta que outros autores desse movimento, como João Tauler e o autor anônimo da *Theologia deutsch*, “certamente foram influenciados por Eckhart, mas, via de regra, eram mais fiéis à tradição doutrinária da Igreja”. Lutero tinha um apreço especial pelos escritos de Tauler e atribuía a ele a *Theologia deutsch*. Tauler, na visão de

⁶² Ibidem, pág. 164

⁶³ Apud HÄGGLUND, 2014, p.166

⁶⁴ HÄGGLUND, 2014, pág. 164

⁶⁵ HÄGGLUND, 2014, pág. 164

⁶⁶ HÄGGLUND, 2014, pág. 164

⁶⁷ Ibidem, pág. 165

Hägglund, mesmo com “ideias genuinamente evangélicas [...] era um místico típico: aceitava a doutrina do fundamento divino da alma dentro do homem, e frequentemente colocava a palavra interna acima da proclamação externa e das palavras da Escritura”. (HÄGGLUND, 2014, p.166)

De modo geral, o cristianismo alemão foi bem influenciado por essas doutrinas e com o movimento reformador, tomou o escopo doutrinário suficiente para embasar críticas as doutrinas da Igreja Católica como também, para montar diversas correntes teológicas reformadas dentro das fronteiras do Sacro Império. Ainda que de forma pulverizada e sem referência direta, o misticismo alemão é uma das raízes teológicas de Lutero e Müntzer e teve grande influência em seus projetos de reforma.

2.2. Martinho Lutero: A Reforma Vista de Cima

Martinho Lutero nasceu em Eisleben no ano de 1483, numa família de origem camponesa, embora seu pai trabalhasse como mineiro. A tradição aponta que sua infância foi marcada pelas dificuldades típicas da época, assim como pela rigidez moral de seus pais. Durant aponta que seus pais

Acreditavam no açoite como varinha de condão para administrar justiça; uma vez, contou Martinho, seu pai o espancara tão aplicadamente que durante muito tempo foram inimigos declarados; em outra ocasião, por ter furtado uma noz, sua mãe lhe bateu até o sangue correr; mais tarde Martinho pensava que ‘a vida severa e dura que levava com eles foi o motivo porque mais tarde me refugiei no claustro e me fiz monge.⁶⁸

A sua formação pregressa ao monastério exerceria forte influência na sua forma de enxergar o mundo e a Deus. A forma como lhe fora apresentada o papel da divindade era igual à forma como seus pais enxergavam a divindade: “um juiz severo, exigindo uma virtude sem alegria, pedindo reparação constante e afinal condenando a maior parte da humanidade ao inferno eterno”.⁶⁹ Apesar do cristianismo, eles acreditavam no misticismo medieval, onde o mundo também era habitado por seres sobrenaturais como feiticeiras, duendes e todo o tipo de anjos e demônios. Durant também aponta que, em sua educação básica, também não faltaram açoites. Esta severidade mais tarde iria se contrapor à visão de Lutero sobre Deus e seria um

⁶⁸ DURANT, 2002, pág. 286

⁶⁹ Ibidem, pág. 286-287

dos pilares de sua reforma.

Já em 1501, graças a expansão da mineração na Saxônia, o pai de Lutero teve condições de enviá-lo para estudar na Universidade de Erfurt, onde a escolástica ainda era bem forte e os estudos direcionados para Teologia e Filosofia. Após os estudos, conseguiu o título de Mestre em Artes em 1505 e decidiu especializar-se em Direito na própria Faculdade de Artes em que se formara, mas ainda em 1505 abandonou os estudos e aderiu a vida monástica. De acordo com o historiador Bengt Hägglund

Lutero [...] entrou no mosteiro dos agostinianos eremitas em Erfurt. Depois de dois anos, foi ordenado sacerdote (1507) e estudou teologia de acordo com o programa de estudos dos mosteiros. Durante esse tempo, familiarizou-se com a posição dogmática dos ocamistas. O *Collectorium* de Biel e os comentários sobre as sentenças de Pedro d’Ailly e de Occam estavam incluídos entre as obras que estudou. Em 1509, depois de lecionar por um ano em Wittenberg sobre a ética de Aristóteles, Lutero tornou-se *sententiarium* grau que lhe conferia o direito de fazer as preleções sobre as Sentenças de Pedro Lombardo [...] Também começou a estudar hebraico nessa época, algo deveras incomum naqueles dias.⁷⁰

Ainda que haja um lado mítico em torno das razões que levaram Lutero a abandonar o Direito e ingressar no monastério, foi através da ordem Agostiniana que ele teve contato com diversas interpretações teológicas que até então eram inéditas para ele. Segundo Hägglund e Durant, foi o vigário-geral da ordem e seu confessor, Johann Von Staupitz, que iniciou Lutero em sua mudança teológica. Hägglund aponta que

Staupitz era tomista e místico e, portanto, agia com base em uma tradição diferente da de Lutero. Recomendou, entre outras coisas, que Lutero contemplasse o Cristo crucificado, ao invés de se preocupar com sua eleição, e considerar assim provas e tribulações como sinais da graça de Deus.⁷¹

Diante disso, a doutrina ocamista da graça que até então fizera parte da formação de Lutero, onde se acreditava “que se alguém fizesse tudo o que estava a seu alcance, usando seus próprios poderes (*facere quod in se est*), Deus então também lhe daria sua graça”⁷² foi

⁷⁰ HÄGGLUND, 2014, pág. 168

⁷¹ HÄGGLUND, 2014, pág. 169

⁷² Ibidem, pág.169

contraposta por um dos conceitos do misticismo alemão da busca ao “sofrimento e obediência de Cristo”. Staupitz orientou Lutero a olhar o sacrifício de Cristo na cruz em vez de se preocupar com sua própria salvação, entendendo assim que todas as dificuldades e tentações eram provas da graça de Deus. Com esta nova perspectiva em mente, Lutero pode deixar para trás os inúmeros flagelos que se impunha para sanar sua inquietação diante da predestinação e seu medo do castigo divino. Segundo Hägglund, “Lutero se apoiou muito em Agostinho. [...] Foi o ensinamento agostiniano de pecado e graça que Lutero desejava manter em oposição à doutrina da escolástica sobre a justificação”.⁷³

Nos anos anteriores a publicação de suas famosas 95 teses, Lutero produziu diversos escritos e preleções como professor de Wittenberg. Ainda que esses escritos tenham fundamentado o pensamento de Lutero para o futuro projeto de Reforma, não haviam em suas obras nada que indicasse o caminho que seria seguido. Deste momento de Lutero, destaca-se principalmente a forma como ele defendia a interpretação bíblica. Para ele, a Bíblia só pode ser compreendida a partir da experiência religiosa, pondo em prática o que foi aprendido nela através da fé. Com a publicação das 95 teses em 1517, a repercussão foi bem grande. Um professor universitário estava levantando a discussão sobre o sistema de indulgências e sua validade para a salvação. Nas palavras de Hägglund, iniciou-se “assim o conflito contra o florescente abuso do sistema das indulgências, provou a tempestade que, em pouco tempo, o conduziu a um completo rompimento com a Igreja de Roma e sua teologia”.⁷⁴

Os inúmeros debates surgidos em torno das teses foram travados pelos anos que se seguiram, dentre eles é necessário destacar a resposta de Johann Eck que levou Lutero a responder em sua obra *Resolutiones* em abril de 1518. Nesta resposta, Lutero demonstrava ainda o seu apreço pelo Papa Leão X, apesar de, como aponta Durant, “as *Resolutiones* afirmavam a superioridade de um concílio ecumênico sobre o papa, falavam ligeiramente nas relíquias e peregrinações, negavam os méritos superiores dos santos e repeliam todos os acréscimos feitos pelos papas nos três últimos séculos à teoria e prática das indulgências”.⁷⁵ Após tal publicação, Lutero foi chamado para se apresentar em Roma e precisou escolher entre acatar o chamado papal correndo o risco de ser preso e ter o mesmo destino que tiveram João Huss cem anos antes ou ficar em Wittenberg, em um local seguro e que suas pregações e propostas ganhavam cada vez mais evidência e adeptos. Ele recorreu ao príncipe Frederico, por

⁷³ Ibidem, pág. 169

⁷⁴ HÄGGLUND, 2014, pág. 170

⁷⁵ DURANT, 2002, pág. 291

intermédio de seu capelão Georg Spalatim, apelando “que os príncipes alemães protegessem seus cidadãos contra a extradição compulsória para a Itália”⁷⁶ como afirma Will Durant. Segundo ele, o príncipe concordou em apoiá-lo pela estima que tinha por Lutero e seu papel dentro da Universidade de Wittenberg e pela recomendação do próprio Imperador Maximiliano que pediu para “cuidar bem desse monge”.⁷⁷

Ainda em 1518, o imperador convocou os nobres alemães para discutir o novo pedido papal para cobrança de impostos para financiar uma nova cruzada. No entanto, o pedido foi recusado, não por causa de Lutero e seus escritos, mas graças ao descontentamento geral que havia entre a nobreza e o povo alemão em relação a Igreja. Os alemães não aceitariam mais uma vez ceder os seus recursos para a Igreja utilizá-los de outra forma como já haviam ocorrido anteriormente. Segundo Durant, a Dieta imperial

tornou a expor os agravos que estavam fornecendo o fundo para o sucesso de Lutero. Observou ao legado papal que a Alemanha tinha cobrado impostos a si mesma muitas vezes para as cruzadas, com o único resultado de ver seu dinheiro empregado para outros fins papais; que o povo se oporia energicamente a qualquer outra remessa de dinheiro para a Itália; que as anatas, gratificações de confirmação e despesas de litígios referentes a Roma já eram uma carga intolerável; e que os benefícios alemães eram dados como recompensa aos padres italianos.⁷⁸

Esta decisão serviu para mostrar ao imperador e a Roma que os nobres estavam perigosamente insatisfeitos com a cúpula romana. Diante disso, o imperador “escreveu a Roma aconselhando prudência no tratamento a Lutero”,⁷⁹ pois percebera a possibilidade de rebelião entre os príncipes contra o domínio papal, mesmo assim, prometeu ajudar no combate as doutrinas de Lutero.

Durant ainda exemplifica os ânimos populares quanto a cúria romana relatando sobre a viagem de um emissário romano em 1519 para Alemanha a fim de encontrar-se com o príncipe Frederico e com Lutero. Karl Von Miltitz era um nobre saxão com ordens menores em Roma, sobre a sua viagem Durant escreve que

⁷⁶ Ibidem, pág. 291

⁷⁷ Ibidem, pág. 291

⁷⁸ DURANT, 2002, pág. 291

⁷⁹ Ibidem, pág. 291

ao chegar à Alemanha, Miltitz ficou espantado em encontrar metade do país hostil à Sé Romana. Entre seus próprios amigos de Augsburg e Nuremberg, três dentre cinco eram por Lutero. Na Saxônia o sentimento antipapal era tão forte que ele se despojou de todas as marcas de enviado papal.⁸⁰

De um modo geral, o anticlericalismo romano se fazia presente em todas as camadas da sociedade, inclusive dentro da própria Igreja Católica, onde cada vez mais surgiam apoiadores do Lutero e outros reformadores inspirados por ele. Philipp Melanchthon e Andreas Karlstadt eram professores de Wittenberg os quais logo passaram a serem apoiadores do Lutero. Este último entrou em debate com Johann Eck sobre as teses de Lutero e publicou 406 proposições, onde “continha a primeira declaração definida, na Reforma Alemã, da autoridade suprema da Bíblia sobre os decretos e tradições”,⁸¹ o que levou Eck a convocá-lo para um debate público, Karlstadt aceitou o convite e dirigiu-se para Leipzig. O debate contou com a participação de Lutero que subiu à tribuna após o debate entre os dois ter finalizado e começou a debater com Eck. Deste debate, Durant aponta como o principal momento dessa participação do Lutero a resposta dele negando a primazia do bispo de Roma, ao que Eck respondeu afirmando que essas eram doutrinas do Huss que foram condenadas pelo Concílio de Constança. A resposta de Lutero foi “que até os concílios ecumênicos podiam errar, e que muitas doutrinas de Huss eram fundamentadas”.⁸² Com isso, Lutero assumiu publicamente o apoio a uma doutrina considerada herética e Johann Eck recomendou a excomunhão de Lutero à cúria romana.

A excomunhão oficial só veio a ocorrer em três de janeiro de 1521, mas esse tempo foi o suficiente para que Lutero conseguisse apoiadores importantes, principalmente entre a baixa nobreza. Entre eles, Ulrich Von Hutten, crítico dos juristas romanos e dos impostos da Igreja, “saudou Lutero como o libertador da Alemanha” após ficar sabendo do resultado do debate em Leipzig. O mesmo também induziu aos seus companheiros cavaleiros e seu comandante Franz Von Sickingen a oferecerem o apoio a Lutero.⁸³ Ainda em 1520, Leão X emitiu uma bula condenando várias declarações de Lutero e ordenou que seus escritos fossem queimados e se não se apresentasse em Roma em 60 dias para se retratar, seria excomungado da Igreja. A reação de Lutero foi a carta aberta *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, publicada em agosto de 1520. Além de um apelo aos nobres, foi o primeiro

⁸⁰ Ibidem, pág. 292

⁸¹ Ibidem, pág. 293

⁸² DURANT, 2002, pág. 294.

⁸³ Ibidem, pág. 294.

grande escrito de Lutero que definiu o papel da Igreja e do Estado em sua concepção teológica. Além disso, ela é composta de duras críticas à cúria romana e a sua ganância. Lutero ainda apresenta os pontos que deveriam ser reformados na estrutura da Igreja. O sucesso da obra foi tão grande que em uma semana os 4 mil exemplares da primeira edição haviam sido vendidos⁸⁴. Esta foi a primeira obra que Lutero escreveu completamente em alemão e como tal, alcançou uma parcela significativa da população que desconhecia o latim que fora utilizado até então.⁸⁵

O ponto principal da obra e que serve como base para toda ela é a tese das “três muralhas” que a cúria romana criou para se proteger da reforma na Igreja. A primeira, definindo a hierarquia secular, seria a submissão do poder secular ao poder eclesiástico, o que na prática tornava todos os nobres dependentes do poder papal; a segunda, visando combater questionamentos sobre as Escrituras, é a interpretação bíblica, ninguém poderia interpretar a Bíblia de forma diferente do papa e do que foi definido por ele, pois somente ele teria o direito para isso; e a terceira, que colocava o papa acima de toda a cristandade, afirmando que apenas o papa poderia convocar concílios e ninguém mais.⁸⁶ Estes também são os principais pontos do projeto de reforma de Lutero nesse momento, como escreve Durant

Primeiro, não há verdadeira diferença entre o clero e a laicidade; todo cristão é feito padre pelo batismo. Portanto, os governantes seculares deviam exercer seus poderes ‘sem impedimento ou obstrução, sem atentar se se trata de papa, bispo ou padre a quem afetam... Tudo que a lei canônica disse em contrário é pura invenção da presunção romana’. Segundo, uma vez que cada cristão é um padre tem o direito de interpretar as Escrituras segundo suas próprias luzes. Terceiro, a Escritura devia ser nossa autoridade final na doutrina e na prática, e a Escritura não oferece justificativa alguma para o direito exclusivo do papa de convocar um concílio.⁸⁷

Em sua obra, Lutero apela à dois sentimentos que habitavam entre o povo alemão: O sentimento de identidade alemã em oposição à romanização, principalmente nas cortes e nos grandes centros urbanos. E ao interesse dos nobres de restaurarem seu poder político e econômico ao mesmo tempo que reduzisse a influência da Igreja em seus reinos. Lutero considera que o clero não deve ter poder algum sobre o poder secular e nem o papa teria

⁸⁴ Informação de Joachim Fischer na Introdução ao texto de Lutero *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, In: Martinho Lutero – Obras Seleccionadas, vol.2, p.278.

⁸⁵ DURANT, 2002, pág. 297.

⁸⁶ LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas, vol. 2, 1989, pág. 281.

⁸⁷ DURANT, 2002, pág. 296.

autoridade sobre o imperador:

O papa não deve ter qualquer poder sobre o imperador, senão o de ungi-lo e coroá-lo sobre o altar, assim como um bispo coroa um rei. De forma alguma, deve-se permitir a diabólica arrogância de que o imperador beije os pés do papa ou se assente aos seus pés ou, como se diz, lhe segure o estribo e o cabresto da mula ao montar; muito menos ainda deve obediência e fiel sujeição ao papa, conforme têm exigido descaradamente os papas, como se tivessem direito a isso.⁸⁸

Ele ainda incita aos nobres a tomarem uma atitude contra a corrupção do papado que denunciava:

Por isso, quando a necessidade o exigir e o papa se tornar um escândalo para a cristandade, quem primeiro deve, como membro fiel do corpo inteiro, contribuir para que se realize um concílio livre de fato. Ninguém pode fazer isso melhor que a espada secular, principalmente por serem também co-cristãos, co-sacerdotes, co-clérigos, co-competentes em todas as coisas.⁸⁹

E a todos, esclarece que ninguém precisa temer ao papa e se submeter ao seu poder, pois:

Ele não é um representante do Cristo celestial, mas só do Cristo que anda sobre a terra. O Cristo no céu, em sua qualidade de governante, não necessita de representante, mas está assento acima de tudo, tudo enxerga, faz, sabe e pode. Entretanto, precisa dele na forma de servo, como ele andava na terra, trabalhando, pregando, sofrendo e morrendo. Porém eles o invertem, tomam de Cristo a forma celeste de regente e a dão ao papa, deixando desaparecer por completo a forma de servo. Ele quase poderia ser o contracrismo, que a Escritura denomina de anticristo...⁹⁰

Após a publicação desse livro⁹¹, Lutero ainda publicou mais duas obras em 1520 de grande peso para a sua doutrina: *A Liberdade Cristã* e *Do Cativo Babilônico da Igreja*. Este último, apontando que da mesma forma que o povo judeu foi cativo na Babilônia, a cristandade estava cativa da cúria romana. Häggglund afirma que nessa obra “Lutero deixa ver claramente

⁸⁸ LUTERO, Obras Seleccionadas, vol.2, 1989, pág. 305.

⁸⁹ LUTERO, Obras Seleccionadas, vol.2, 1989, pág. 288.

⁹⁰ Ibidem, p.305.

⁹¹ *À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão.*

que rompeu com o conceito romano dos sacramentos, bem como com o sistema monacal. Assim fazendo, atacou também alguns dos fundamentos mais importantes da cultura medieval”.⁹² Assim, Lutero concluía a resposta a sua excomunhão: três livros que tratavam diretamente da reforma necessária para a igreja cristã e indiretamente sobre política, economia e sociedade civil.

O ápice da controvérsia de Lutero com Roma chega em 1521, com a sua presença na Dieta de Worms, por convite do príncipe Frederico. Diante de todos os príncipes eleitores e do Imperador Carlos V, Lutero foi intimado a se retratar e sua resposta virou símbolo da Reforma Luterana. Diante da pergunta feita em latim pelo funcionário do arcebispo de Trier, se repudiava os seus livros e os erros que eles continham, ele respondeu em alemão

Uma vez que Vossa Majestade e vossas excelências desejam uma resposta simples, responderei sem pormenores... A menos que eu seja convencido pelo testemunho da Sagrada Escritura ou pela razão evidente (não aceito a autoridade de papas e de concílios, pois eles se contradizem uns aos outros), minha consciência é cativa da Palavra de Deus. Não posso e não quero retratar-me de coisa alguma, pois ir contra minha consciência não é direito nem seguro. Que Deus me ajude. Amém.⁹³

O Imperador finalizou a audiência já que não havia mais nada a ser dito, pois Lutero já havia negado a autoridade dos concílios. Ainda durante a Dieta, Carlos V enviou a sua resposta aos príncipes eleitores

[...]Após ouvir ontem a defesa obstinada de Lutero, lamento ter demorado tanto a agir contra ele e seu falso ensinamento. Não tenho mais nada a fazer com ele. Ele pode regressar com o seu salvo-conduto, mas sem pregar ou fazer qualquer tumulto. Agirei contra ele como herege notório, e peço-lhes que se declarem como me prometeram.⁹⁴

Lutero começa sua viagem de volta à Wittenberg. Porém, no meio do caminho é “sequestrado” a pedido do príncipe Frederico da Saxônia e levado para o castelo de Wartburg, com intuito de protegê-lo. Ainda que Felipe tivesse se absterido sobre a decisão do imperador, ele temia que a polícia imperial capturasse Lutero após o término do salvo-conduto. Por isso, providenciou o sequestro forjado e o confinamento de Lutero em um local seguro. Neste tempo

⁹² HÄGGLUND, 2014, pág. 171.

⁹³ LUTERO, apud DURANT, 2002, pág. 303.

⁹⁴ CARLOS V, apud DURANT, 2002, pág. 304.

em que ele ficou escondido, Lutero continuou escrevendo e trabalhando, uma de suas maiores obras nesse período foi a tradução do Novo Testamento do grego para o alemão. Ele ficou escondido por cerca de um ano, retornando a Wittenberg no início de março de 1522. Quando saiu, a Reforma já havia ultrapassado o seu controle e começara a “caminhar sozinha” e diversos movimentos inspirados em Lutero começaram a tomar forma e se espalhar pelo Sacro Império. Como Durant narra,

O desafio que tinha feito em Worms e sua sobrevivência tinham dado a seus adeptos um orgulho temerário. Em Erfurt, estudantes, artesãos e camponeses atacaram e destruíram 40 casas paroquiais, destruíram bibliotecas e listas de rendas e mataram um humanista (junho de 1521). Ao findar desse ano tumultuoso os frades agostinianos de Erfurt abandonaram o mosteiro, pregaram o credo luterano, e denunciaram a Igreja como ‘mãe de dogma, do orgulho, da avareza, da luxúria, da incredulidade e da hipocrisia’. Em Wittenberg, [...] o professor Carlstadt, agora arqui-diácono da Igreja do Castelo, pedia que a missa fosse rezada (quando fosse) em vernáculo, que a eucaristia fosse dada em vinho e pão sem confissão preliminar ou jejum, que as imagens religiosas fossem retiradas das igrejas, e que o clero – tanto os monges quanto os padres seculares – se casasse e tivesse filhos.⁹⁵

Após a Dieta de Worms e a excomunhão de Lutero, já não havia mais como conter o movimento. Ele ainda aconselhou e exortou seus seguidores a não usarem da violência, mas seus escritos tinham alcançado boa parte dos alemães de todas as classes. Seria apenas uma questão de tempo para que suas propostas antipapais e pela “nação alemã” incendiassem o “barril de pólvora” que habitava entre o povo.

2.3. Thomas Müntzer: A Reforma vista de baixo

Pouco se sabe sobre a vida de Thomas Müntzer antes de iniciar o seu trabalho como padre. As poucas biografias que encontramos, têm como foco a vida adulta de Müntzer, o seu trabalho e a sua participação na Guerra Camponesa da Turíngia. Ainda que o difícil acesso às informações da juventude dele impossibilite um estudo aprofundado sobre essa etapa de sua vida, sabemos que ele possui origem pobre, nascido em 1490, em Stolberg. Sua infância não

⁹⁵ DURANT, 2002, pág. 305.

teria sido fácil⁹⁶, pois o pai teria sido enforcado a mando do Conde e sua mãe perseguida por ser pobre. Ele teria estudado em Leipzig, onde conheceu Lutero, provavelmente durante o debate com Johann Eck.⁹⁷

Müntzer começa seu trabalho como pregador em 1520 na cidade de Zwickau, por indicação de Martinho Lutero.⁹⁸ Zwickau, segundo aponta Durant, “era uma das cidades mais industriais da Alemanha, tendo grande população de tecelões com um governo municipal de empregadores comerciantes”.⁹⁹ Lá, Müntzer trabalhou na igreja dos tecelões, onde teve contato com suas necessidades e “tornou-se o porta-voz de suas aspirações, e ao mesmo tempo defensor entusiástico da Reforma”.¹⁰⁰

No entanto, seu modo de pregar e seus sermões começaram a escandalizar os membros mais conservadores da cidade como os Franciscanos que ali residiam. Assim começaram a surgir as primeiras controvérsias em torno desse homem. Até então, Müntzer possuía a mesma “inimiga” que Lutero - a Igreja Católica Romana. Mas um pequeno fato é tido como o momento de divergência entre esses dois reformadores. Em Zwickau, ele conheceu Nicolaus Storch, homem que se dizia profeta e declarava que recebia mensagens diretas do Espírito Santo, e por isso as Sagradas Escrituras deveriam ficar em segundo plano para os escolhidos de Deus. Também teve contato com os remanescentes de movimentos religiosos da Boêmia como os taboritas.¹⁰¹ Em um sermão em Zwickau, Müntzer elogiou Storch e o conclamou para ser possuído pelo Espírito Santo no meio da pregação. A partir desse momento, ficou nítida uma mudança na doutrina pregada por Müntzer, antes muito próxima a de Lutero, mas agora seguindo novos rumos, se tornando cada vez mais um discurso profético e místico.

Müntzer sai de Zwickau e vai para a Boêmia, procurando lugar para assentar e propor uma nova reforma religiosa. Lá ele se encontra com os seguidores de John Huss (1369 – 1415),¹⁰² e assim, começa novamente a divulgar suas ideias de que estavam no fim dos tempos – através de análises comparativas de passagens bíblicas com as dificuldades que o povo passava no momento, e por isso precisavam separar o povo de Deus para que, após o Juízo Final, pudesse desfrutar dos mil anos de reino terreno de Cristo. Em Praga, ele publica o seu

⁹⁶ BLOCH, Ernst. Thomas Müntzer, Teólogo da Revolução. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1973. Pág. 9.

⁹⁷ DE BONI, 2000, pág. 31.

⁹⁸ BLOCH, 1973, pág. 11.

⁹⁹ DURANT, 2002, pág. 306.

¹⁰⁰ DURANT, 2002, pág. 307.

¹⁰¹ BLOCH, 1973, pág.12.

¹⁰² DE BONI, 2000, pág. 31.

primeiro grande livro, expondo suas concepções e visões sobre o mundo e a cristandade. Provido de opiniões e interpretações próprias, ele ataca os padres e os nobres, mas a tese central de sua obra é sobre a fé e as Escrituras Sagradas. Em sua concepção, a experiência com o Espírito Santo transcende as Escrituras e é possível alguém possuir o Espírito de Deus mesmo sem ter conhecimento da Bíblia, “Se alguém, durante toda a vida, jamais ouviu ou viu a Bíblia, pode ele, através do correto ensino do Espírito, possuir a fé cristã, como todos que escreveram a Sagrada Escritura, e que possuíam a fé sem conhecer todos os livros sagrados”.¹⁰³ A visão de Müntzer sobre os salvos e os condenados se distancia bem de Lutero, como explica De Boni

Já Lutero, que aceitava o homem como simul justus et peccator, tinha dificuldades em aceitar uma Igreja de justos e pecadores e, por isso, atinha-se à invisibilidade da verdadeira Igreja. Müntzer é mais radical: os maus não pertencem à Igreja, mas é possível reconhecer quem são os eleitos e quem são os condenados. Os condenados são incapazes de ouvir a Palavra: os padres, os eruditos e os estudantes.¹⁰⁴

Com a publicação do *Manifesto de Praga*, a mensagem de Müntzer chega às populações mais carentes da sociedade, como camponeses e mineiros, estes os principais afetados por uma peste que havia atingido a cidade de Praga e seus arredores. Provido de um discurso em que atacava diretamente o clero, ele nega os poderes destes para ensinarem sobre a fé. Logo no início do manifesto diz: “Em verdade, nenhum padreco, ‘besuntado de piche’, e nenhum monge, por mais cheio de espírito que pareça, têm as mínimas condições para dizer algo sobre o fundamento da fé. [...] pois o espírito do temor de Deus nunca habitou neles”.¹⁰⁵ Ele continua sobre a corrupção do mundo e a presença dos eleitos: “Esse espírito é o único alvo e fundamento dos eleitos. Num derramamento que o mundo não tem condições de receber, os eleitos estão transbordados e embriagados desde o espírito. Em poucas palavras: cada pessoa precisa ter recebido o Espírito Santo sete vezes; de outro modo ela não pode nem ouvir nem entender o Deus vivo”.¹⁰⁶

A partir deste ponto, é notória a aproximação da pregação de Müntzer com doutrinas dos místicos alemães, principalmente em sua valorização da experiência individual do cristão e sua reclusão ao mundo “indigno” de receber o “espírito de Deus”. Ainda no manifesto, ele

¹⁰³ MÜNTZER, Apud DE BONI, 2000, pág. 33.

¹⁰⁴ DE BONI, 2000, pág. 33.

¹⁰⁵ Manifesto de Praga, in DE BONI, 2000, pág. 175-176.

¹⁰⁶ Ibidem, pág. 176.

escreve

Para alguns, o Evangelho e toda Escritura estão ‘lacrados’ (Is 29 e 22) pela chave de Davi, no livro cifrado do Apocalipse (5,1-7). Ezequiel o recebeu lacrado. Cristo diz, em LC 11,52, que os sacerdotes furtam a chave desse livro que está lacrado. Eles fecham a Escritura e dizem que Deus não deve falar pessoalmente com os homens. Onde, porém, a semente cai em solo fértil, isto quer dizer nos corações que estão cheios do temor do Senhor, torna-se então o papel e o pergaminho onde Deus escreve, não com tinta, mas com seu dedo vivo; esses corações são a verdadeira Sagrada Escritura que, então, é testemunhada bem pela Bíblia visível. E também não existe um testemunho mais seguro, que comprove a veracidade da Bíblia, do que a palavra vida de Deus, na qual o Pai pronuncia o Filho no coração do homem.¹⁰⁷

Na visão de Müntzer, os sacerdotes tomaram para si o conhecimento das Escrituras, mas não deixaram florescer, e quando “Deus lhes quer escrever no coração, não há povo sob o sol mais hostil à Palavra do que eles”.¹⁰⁸ Já sobre o povo, neste caso o povo comum, Müntzer os apresenta como verdadeiros eleitos, pois dado ao temor por Deus, busca a Ele:

Quanto ao povo, porém, não tenho dúvida. Oh, tu, íntegro, pobre e lastimável grupinho, quão sedento estás pela palavra de Deus! [...] Por isso eles foram angustiados pelo espírito do temor do Senhor, que a profecia de Jeremias (Lm,4,4) neles de fato se realizou: ‘Os filhos pediram pelo pão porém não havia quem o partisse’.¹⁰⁹

Assim como no discurso da proximidade do Juízo Final, em que alertava ao povo para buscar o Reino de Deus. Ao final de seu manifesto, ele declara que a hora chegou.

Pois, nos nossos dias, Deus quer separar o trigo do joio para que se possa agarrar à plena luz do meio-dia quem enganou a Igreja por tanto tempo. [...] O tempo da seara chegou. Por isso, Deus me contratou para sua colheita. Afiei minha foice, pois minhas ideias estão dirigidas fortemente para a verdade e meus lábios, peles, mãos, cabelos, alma, corpo e vida maldizem os incrédulos.¹¹⁰

¹⁰⁷ Ibidem, pág. 178.

¹⁰⁸ Ibidem, pág. 178.

¹⁰⁹ Ibidem, pág. 179.

¹¹⁰ Ibidem, pág. 183.

Após a publicação, Müntzer permaneceu pouco tempo em Praga, conforme relata Ernst Bloch. Ele saiu de Praga “enxotado”,¹¹¹ passou um tempo pregando em Nordhausen e por fim, após viajar bastante, em 1523 conseguiu o emprego de pregador em Allstedt. Nesta cidade, Müntzer continuou pregando suas ideias, atraindo cada vez mais a atenção das populações mais pobres, que se veem representados em suas críticas ao clero, aos intelectuais e aos nobres. Ele rapidamente forma um grupo de apoiadores dentro da cidade, onde, conforme Bloch narra, cerca de “trezentos estranhos assumem o compromisso de ‘enfrentarem juntos a vida e a morte”.¹¹² A influência de Müntzer, se espalhou rapidamente, e logo seus seguidores se organizaram em grupos para destruírem capelas para “dar fim ‘à pândega e à superstição, materializadas em cera”’.¹¹³

Apesar da destruição de capelas e imagens não ser algo único dos seguidores de Müntzer, o crescimento de seus apoiadores em Allstedt e seus feitos chamaram a atenção de Lutero e dos príncipes saxões. Foi nesta cidade, em 1524, que Müntzer faz o sermão na presença de dois nobres, segundo Bloch, seriam o príncipe Johann e o irmão do príncipe Eleitor Frederico, duque Johann. Este sermão, preparado como uma explicação de suas doutrinas e do que significava a sua reforma, foi exposto aos nobres e publicado também com o nome *Interpretação do Segundo Capítulo do Profeta Daniel*.

Em sua pregação, Müntzer reafirma as críticas já feitas aos sacerdotes, acusando-os de terem abandonado os passos dos cristãos primitivos e dos profetas. Ele diz:

Cristo, o Filho de Deus e seus apóstolos, e antes dele também seus santos profetas, certamente principiaram uma cristandade verdadeira, pura. Eles lançaram o trigo no campo, isto é, eles jogaram a palavra preciosa de Deus nos corações, [...] Porém, os servidores preguiçosos, negligentes, da mesma Igreja, em ronda assídua, não quiseram realizar e conservar isso, mas procuraram o seu, não o que era de Jesus (Fl 2,21). Por isso deixaram que o dano dos ímpios, na parábola representado pelo joio, invadissem vigorosamente.¹¹⁴

Ele também retoma a sua explanação sobre a experiência individual da fé e sua importância para o cristão e esboça os meios para ter esse contato direto com Deus, “para o

¹¹¹ BLOCH, 1973, pág. 16.

¹¹² Ibidem, pág. 17.

¹¹³ BLOCH, 1973, pág. 18.

¹¹⁴ DE BONI, 2000, pág. 186.

homem perceber a Palavra e ser suscetível a ela, Deus precisa arrancar-lhe os apetites carnis”,¹¹⁵ e também “deve estar isolado, com seu ânimo e coração, e também com sua razão natural, de todo consolo temporal da sua carne”.¹¹⁶ Assim, Müntzer começa a apresentar a sua ideia da separação dos eleitos de Deus do resto do mundo, pois as “volúpias deste mundo [...] sufocam todo o efeito da palavra que Deus fala no interior da alma”¹¹⁷ e por isso “devem ser eliminados, a fim de que o homem não seja considerado negligente e preguiçoso”.¹¹⁸

Diferente do *Manifesto de Praga*, desta vez, Thomas Müntzer começa a dirigir críticas a Martinho Lutero, referindo-se a ele como “irmão boa-vida”,¹¹⁹ afirmando que, por não receber visões do Espírito, ele as critica. Para Müntzer, é natural aos apóstolos e profetas receberem as visões durante períodos de sofrimento, e exatamente as experiências de sofrimento do cristão são marcas de sua eleição por Deus.

Enfim, Müntzer direciona a sua pregação diretamente à sua plateia. Até então, apenas analisava a figura do rei Nabucodonosor presente na passagem bíblica de Daniel 2. Agora, ele é enfático sobre a profecia de Daniel, dizendo:

O quinto reino, na contagem de Daniel, é o que temos diante dos olhos, o qual também é de ferro e gostaria de subjugar, mas ele é remendado com lama, como vemos com os olhos que enxergam. [...] Ah, queridos senhores, com que beleza o Senhor Deus jogará uma barra de ferro entre os potes velhos (Sl 2,9). Por isso, vós caríssimos, estimadíssimos regentes, aprendei corretamente, da boca de Deus, o reconhecimento da situação, e não vos deixeis enganar pelos vossos sacerdotes hipócritas e nem vos deter por paciência e por bondade arquitetadas. Pois a pedra, arrancada sem mãos do monte, tornou-se grande. Os pobres leigos e camponeses a enxergam mais nitidamente do que vós.¹²⁰

Com isso ele adverte aos nobres sobre qual a sua visão a respeito da reforma religiosa. Uma reforma instituída por Deus para destruir o “quinto reino” que seria a Igreja Católica Romana e todos os reinos seculares, a quem Müntzer chama de cobras e enguias respectivamente e critica as relações entre eles, dizendo:

¹¹⁵ Ibidem, pág. 194.

¹¹⁶ Ibidem, pág. 195.

¹¹⁷ Ibidem, pág. 156.

¹¹⁸ Ibidem, pág. 195

¹¹⁹ Ibidem, pág. 197.

¹²⁰ Ibidem, pág. 198-199.

Agora, observa-se bem como as enguias e as cobras fornicam amontoadas. Os sacerdotes e todos os maus religiosos são cobras, como denomina João, que batizam a Cristo (Mt 3,7), e os senhores temporais e regentes são enguias, como Lv 11,9-12 os prefigurou em forma de peixes, etc.¹²¹

Por fim, os chama para tomarem uma atitude perante a corrupção da Igreja e ajudarem a combater os “falsos sacerdotes” afim de a “cólera” de Deus como “Jeú, o rei israelita (2 Rs 9 e 10), e como todo o livro do Apocalipse mostra”.¹²² Diferente de Lutero, Müntzer não acredita na divisão entre o reino secular e o reino celestial, a qual Lutero se refere para distinguir os papéis de autoridades. Orienta os príncipes que se

Quiserdes ser regentes verdadeiros, precisais tomar o regimento pela raiz e como Cristo ordenou. Espantai seus inimigos para longe dos eleitos, pois vós sois os mediadores autorizados. Meus prezados, não me apresenteis farsas, como se o poder de Deus devesse realizar a obra sem a intervenção da vossa espada, pois caso contrário esta poderia enferrujar na bainha.¹²³

Em suas primeiras obras, Müntzer, mesmo tecendo críticas aos nobres, reconhecia a autoridade dada por Deus a estes, pois seria parte da ordem natural, mas também, a “grande rocha” enviada por Deus serviria para destituir toda a autoridade que não fosse pura e seguisse os caminhos de Deus. Müntzer deixa claro um recado aos seus ouvintes e leitores ao final de seu sermão: o que deveria ser feito aos seus “inimigos”:

Muitos homens não experimentados se chocarão com este livrinho. Por isso falo com Cristo (LC 19,27; Mt 18,6) e com Paulo (1Cor 5,7.13) sob consideração de toda a lei divina, que se devem matar os regentes ímpios, em especial os sacerdotes e monges que xingam o sagrado Evangelho como sendo uma heresia, e não obstante pretendem ser os melhores cristãos.¹²⁴

Sobre o do encontro de Müntzer com os nobres, pouco se sabe a respeito de seu resultado e de sua eficácia.¹²⁵ No entanto, fica claro que na concepção de Müntzer a função dos nobres é a mesma dos reis do Antigo Testamento: punir o mal e proteger o bem através da espada. Os nobres que falhassem em tal missão deveriam ser destituídos.

¹²¹ Ibidem, pág. 198.

¹²² Ibidem, pág. 199.

¹²³ Ibidem, pág. 201.

¹²⁴ Ibidem, pág. 204.

¹²⁵ MATHESON, 1994, pág. 229.

O historiador Peter Matheson aponta que, com a pressão política e religiosa crescendo em torno de Müntzer e seus seguidores, ele deixa Allstedt e vai para Mühlhausen onde publica *A Manifest Exposé of False Faith*. Este livro foi uma resposta definitiva aos seguidores de Lutero que tentavam dissuadir Müntzer de suas ideias e aos poderes políticos que se opunham a ele. Foi o marco definitivo de seu rompimento com Lutero.¹²⁶

Com isso, surge o espaço para que ele construa sua própria visão de igreja e consiga seguidores por toda a região. Durante todo o ano de 1524, Müntzer continua suas pregações e troca correspondências com diversas cidades da região, até tornar-se um dos porta-vozes dos camponeses e mineiros, a quem desde o *Manifesto de Praga* já os tinha por eleitos. Tendo sempre como exemplo os cristãos primitivos, Müntzer defende a ideia que a igreja deveria voltar a seguir seus passos. Os cristãos deveriam viver em completa comunhão, partilhando todas as coisas como os apóstolos fizeram. Ele promove a ideia de formar a “Nova Jerusalém” terrena – cidade onde os cristãos viveriam em perfeita harmonia entre eles e a natureza, sem desigualdades entre os homens, pois todos são criaturas de Deus. Esta cidade seria reservada para os “Escolhidos de Deus”, e ali aguardariam a vinda de Cristo. Com tal tipo de visão, não tardou muito para que os ideais de Müntzer fossem adotados pelo povo que começava a se rebelar contra as mudanças que vinham ocorrendo na Alemanha.

3. A Guerra Camponesa (1524-1525)

É difícil definir qual foi o estopim que provocou o levante camponês de 1524. Os historiadores que se dedicaram a estudar este assunto, não chegaram à uma definição concreta. O certo é entender a Guerra Camponesa como o resultado de um processo de transformação que já vinha ocorrendo há tempos pela Europa. Schapiro aponta como um resultado do empobrecimento dos camponeses, com a deterioração das relações feudais,¹²⁷ o aumento das taxas e dos impostos cobrados dos camponeses livres e não livres pelos nobres e também pela Igreja Católica Romana.¹²⁸ Já Durant afirma que a revolta camponesa só foi possível graças à “revolta religiosa”. Lutero, ao questionar a autoridade papal, defender o sacerdócio de todos os cristãos e enfrentar a Dieta de Worms, mostrou que existia possibilidade de mudança. “Na Alemanha dessa era a Igreja e o Estado estavam tão associados, com os clérigos desempenhando papel tão grande na ordem social e na administração civil, que o colapso do

¹²⁶ MATHESON, 1994, pág. 253-254.

¹²⁷ SCHAPIRO, 1909, pág. 55.

¹²⁸ Ibidem, pág. 56.

prestígio e do poder eclesiásticos removeu a barreira principal para a revolução”.¹²⁹

Diversos panfletos começaram a circular pela Alemanha nos anos que precederam à revolta. Dois panfletos de 1521 já demonstravam a aparente insatisfação com a sociedade. O primeiro, que tinha por título Karsthans “pedia a proteção camponesa para Lutero; e uma continuação publicada no mesmo ano advogava a insurreição rural contra o clero”.¹³⁰ Já outro defendia

o sufrágio universal masculino, a subordinação de cada governante e funcionários a conselhos eleitos pelo povo, a abolição de todas as organizações capitalistas, o retorno à fixação medieval de preços para o pão e o vinho, e a educação de todas as crianças em latim, grego, hebraico, astronomia e medicina.¹³¹

Outro panfleto de 1522 também trazia reclamações sobre as “organizações comerciais [...], a exclusão do clero do governo civil, o confisco da riqueza dos mosteiros, bem como a distribuição da riqueza entre os pobres”.¹³² Não tardou, que dentro desse espírito da reforma, os pregadores começassem a colocar em seus sermões essas ideias que já circulavam entre o povo. Durant informa que

Os pregadores misturavam o evangelismo protestante com as aspirações utópicas. Um declarou que o céu estava aberto aos camponeses, porém fechado aos nobres e clérigos; outro aconselhou os camponeses a não darem mais dinheiro a padres ou monges.¹³³

Esses pregadores, movidos pela liberdade em interpretar a Bíblia que Lutero pregou, procuravam respostas para os problemas sociais de seu tempo nas Escrituras e logo começaram a aparecer diversos movimentos religiosos independentes de Wittenberg, com as mais diversas interpretações sobre a Bíblia. Estes grupos, mais tarde foram generalizados com a alcunha de Anabatistas, o próprio Thomas Müntzer foi classificado assim.

3.1. Os Anabatistas

Os Anabatistas surgem entre as classes mais pobres, por isso, seu discurso tinha características próprias desses estratos sociais, constituídos por camponeses, mineiros,

¹²⁹ DURANT, 2002, pág. 320.

¹³⁰ DURANT, 2002, pág. 320.

¹³¹ DURANT, 2002, pág. 320.

¹³² DURANT, 2002, pág. 320.

¹³³ DURANT, 2002, pág. 320.

pequenos artesãos entre outros trabalhadores das classes sociais mais baixas. Devido às suas relações com essas classes, os mesmos logo foram associados às revoltas camponesas e ficaram conhecidos como o lado radical da reforma. Eram assim referidos por negarem o batismo infantil, prática comum na Igreja Católica Romana até os dias atuais. A palavra Anabatista vem do grego *ανα* (novamente) + *βαπτίζω* (baptizar) e significa “rebatizar”. No entanto, esse não era o nome adotado por esses grupos. Cada grupo utiliza seus próprios nomes, segundo o historiador Claus-Peter Clasen

They definitely refused to call themselves Anabaptists (Wiedertäufer or Täufer). The names they sometimes did use for themselves were more of a descriptive or rhetorical nature. All through the sixteenth century the radicals referred to themselves as brethren or brethren and sisters in the Lord or in Jesus Christ. [...] Sometimes the radicals used flamboyant names such as Secret Disciples of Christ, Elect Saints, True Community of Saints, Children of God, Members of God’s Body, or Children of Light.¹³⁴

A primeira menção a eles como Anabatistas foi feita em março de 1525,¹³⁵ pelos nobres e teólogos que os combatiam na Suíça, os quais usaram o nome *Widertouff* (contra batismo). Negavam o batismo infantil partindo do pressuposto que o cristão precisava ter consciência da fé, compreender aquele meio do qual iria fazer parte. Na Alemanha, como aponta Clasen, o termo *Wiedertäufer* virou o termo mais usado.

Ainda que não houvesse uma unidade teológica entre os grupos de anabatistas, é comum identificar Thomas Müntzer como um de seus principais líderes. Clasen explica que o contato de Müntzer com os anabatistas da Suíça foi um ponto importante para a propagação de suas doutrinas, segundo ele “Müntzer spent eight weeks in the fall of 1524 at Griessen in the Klettgau and in the area nearby, inciting the peasants to rebellion and propounding his doctrines of rebaptism and the inner heavenly Word”.¹³⁶

As doutrinas do batismo de adultos de Müntzer foram um dos pilares para a organização dos movimentos anabatistas, mas junto com elas, sua perspectiva de um levante contra o alto clero e nobres também se espalhava entre os demais líderes anabatistas. Clasen diz que em Zurique,¹³⁷ Conrad Grebel, um dos líderes dos anabatistas suíços, teve contato com

¹³⁴ CLASEN, 1972, pág. 12.

¹³⁵ Ibidem, pág. 13.

¹³⁶ Ibidem, pág. 6.

¹³⁷ Ibidem, pág. 7.

pelo menos dois livros¹³⁸ de Müntzer,¹³⁹ nos quais estão seus posicionamentos teológicos sobre o batismo, que deveria ser realizado apenas em adultos e que o verdadeiro batismo não era com água e sim com o Espírito. A carta escrita em 1524 por Grebel para Müntzer é um marco importante, pois mostra que suas doutrinas estavam se espalhando para diversas regiões da Europa.

Apesar disso, em 1524 ainda era muito cedo para definições religiosas entre os protestantes. Não havia uma definição muito clara sobre quais as doutrinas que haviam se espalhado e quem acreditava em que. Os camponeses ouviam seus pregadores e viam em seus discursos justificações bíblicas para as coisas do mundo. Assim, surgiam pregações e grupos reformados por toda parte. Ao mesmo tempo, surgiam levantes camponeses por toda a Alemanha. Durant conta que em 24 de agosto de 1524:

Hans Müller, agindo por sugestão de Müntzer, reuniu à sua volta alguns camponeses de Stühlingen, e uni-os em uma ‘Irmandade Evangélica’ para emancipar os lavradores de toda a Alemanha. Em breve tiveram a adesão dos rendeiros descontentes do abade de Reichenau, do bispo de Constança, dos condes de Werdenburg, Montfort, Lupfen e Sulz. No fim de 1524 havia uns 30.000 camponeses em armas na Alemanha meridional que se recusavam a pagar impostos ao governo, dízimos à Igreja ou direitos feudais.¹⁴⁰

Em 1524, com a publicação dos *Doze Artigos do campesinato da Suábia*, estavam sintetizadas em um panfleto as reivindicações dos camponeses revoltosos. Uma cópia desse panfleto foi enviada para Lutero. A expectativa dos camponeses era que Lutero apoiasse a causa deles. Esses artigos defendiam temas da vida cotidiana, como o livre uso dos bosques e rios pelos camponeses, para que eles possam prover seu sustento. Para cada artigo, havia uma série passagens bíblicas que apoiavam as reivindicações. Ao final, no décimo segundo artigo, os camponeses declaravam que “se um ou mais dos artigos aqui apresentados... puder ser-nos demonstrado impróprio segundo a Palavra de Deus, desistiremos dele se isso nos for explicado com argumentos tirados das Escrituras”.¹⁴¹ Lutero responde fazendo uma breve crítica aos nobres, pondo a culpa da guerra sobre eles, no entanto, ele julga os camponeses por se revoltarem contra o poder dos nobres instituído por Deus. A sua resposta, publicada com o

¹³⁸ Seriam os livros *A Manifest Exposé of False Faith e Protestation or Proposition*

¹³⁹ Conferir a carta de Grebel para Müntzer disponível em MATHESON, 1994, pág. 122.

¹⁴⁰ DURANT, 2002, pág. 321-322.

¹⁴¹ apud DURANT, 2002, pág. 322.

nome *Exortação à Paz* em 1525, será a primeira de três cartas nas quais Lutero trata das ações camponesas.

3.2. O conflito entre Lutero e Müntzer

A sagrada palavra de Deus sempre tem esta sina, de ao germinar, satã se lhe opor com todo o seu poder: primeiro com a força e violência criminosa. Onde isso não surte efeito, então ataca com língua falsa, com espíritos e mestres equivocados, para que, onde não pode abafar pela força, a possa reprimir com astúcia e mentiras.¹⁴²

Com estas palavras, Martinho Lutero começa a sua *Carta aos príncipes da Saxônia sobre o espírito subversivo*, redigida em 1524. Escrita e publicada como uma resposta ao sermão de Müntzer sobre o Segundo Capítulo de Daniel, este é o primeiro texto onde Lutero toma um posicionamento público contrário a Müntzer. No entanto, Lutero apenas adverte aos nobres para que fiquem de olho em Müntzer mas “deixem-se que preguem confiada e animadamente o que sabem e contra quem quiserem; pois, como eu disse, precisam existir seitas e a palavra de Deus precisa estar no campo de batalha e lutar”.¹⁴³

O objetivo de Lutero com esta carta vai se tornando evidente ao longo dela. Além de uma simples resposta à pregação de Müntzer, ele apresenta o distanciamento entre suas doutrinas e as orientações contra seus seguidores a quem acusa de “pretenderem tomar de assalto a autoridade temporal e eles mesmo se tornarem os senhores do mundo”.¹⁴⁴ Sobre Müntzer, Lutero o chama de satã e escreve: “Portanto, depois de o satã expulso ter perambulado pelo ermo durante um ano ou dois, procurou sossego e não o encontrou, assentou-se no principado de Vossa Graça e fez um ninho em Allstedt e pensa em lutar contra nós sob a nossa paz”.¹⁴⁵ O objetivo de Lutero com essa publicação é posicionar-se contra Müntzer e lembrar aos príncipes que eles tem o dever de manter a ordem e por isso deveriam começar a agir contra o “espírito subversivo” de Allstedt, pedindo aos nobres “para empreenderem com toda seriedade contra tal arremetida e fanatismo, para que nessas coisas somente seja procedido através da Palavra de Deus, como convém a cristãos, e a causa do tumulto, ao qual o senhor

¹⁴² LUTERO, em DE BONI, pág. 152-153.

¹⁴³ Ibidem, pág. 162.

¹⁴⁴ Ibidem, pág. 155.

¹⁴⁵ Ibidem, pág. 153-154.

omnes, como de costume, está mais do que imensamente inclinado, seja evitada”.¹⁴⁶

Esta publicação de Lutero levou a Müntzer escrever o seu Pronunciamento de Defesa Altamente Motivado ainda em outubro de 1524. Segundo De Boni, Müntzer estava fugindo de adversários quando publicou essa carta, ele já havia deixado Allstedt pela perseguição e havia sido expulso de Mühlhausen, onde Henry Pfeiffer havia organizado uma comunidade de cristãos favoráveis às doutrinas dele, mas foram expulsos após a submissão de onze artigos ao concílio da cidade e também segundo Matheson, Lutero havia enviado ao concílio uma carta avisando que Müntzer era perigoso.¹⁴⁷ Então, o mais provável é que Müntzer tivesse peregrinando entre várias cidades e tenha parado em Nuremberg para imprimir o livro.¹⁴⁸

Neste texto, Müntzer se preocupa em se defender das acusações de Lutero ao mesmo tempo em que o acusa de “furto da Sagrada Escritura”. Ao endereçar o texto para o “altíssimo príncipe e todo-poderoso, Senhor Jesus Cristo, o bondoso Rei de todos os reis”,¹⁴⁹ ele começa fazendo um contraponto ao texto de Lutero, que dedica a carta aos príncipes Frederico e João, nobres do Sacro Império. Müntzer reivindica a dedicação de sua obra para o rei acima dos reis de Lutero isto é, para demonstrar que não se curvaria mais aos senhores temporais, os quais mais a frente ele chamará de “velhacos ímpios”,¹⁵⁰ rompendo assim de vez com as autoridades seculares, pois as mesmas não haviam pisado “destemidos sobre a pedra angular”¹⁵¹ como ele havia dito em sua *Interpretação sobre o Segundo Capítulo de Daniel*. Dado a perseguição que o levou a fugir de Allstedt e Mühlhausen, Müntzer já não mais contava com o apoio das autoridades para sua reforma religiosa, no entanto, ainda se firmava no povo como pilar dela. Conforme pode se notar em sua carta ao povo de Mühlhausen em 22 de setembro de 1524,¹⁵² ele estava animado com as movimentações do “homem comum” que cada vez mais conhecia a verdade em todos os lugares. Segundo Matheson, esse conhecimento da verdade pelo “homem comum” era a Guerra Camponesa começando a tomar forma.¹⁵³

Este texto conta com uma passagem onde Müntzer crítica os nobres de se apropriarem dos bens comuns e deixarem os mais necessitados em uma situação difícil, como é dito também

¹⁴⁶ Ibidem, pág. 164-165.

¹⁴⁷ MATHESON, 1994, pág. 132.

¹⁴⁸ Ibidem, pág. 134.

¹⁴⁹ MÜNTZER, em DE BONI, 2000, pág. 205.

¹⁵⁰ Ibidem, pág. 210.

¹⁵¹ Ibidem, pág. 199.

¹⁵² cf MATHESON, 1994, pág. 132-134.

¹⁵³ cf MATHESON, 1994, pág. 134.

nos “Doze artigos do Campesinato”, afirmando que os príncipes

tomam todas as criaturas como propriedade: os peixes no mar, as aves no ar, as plantas na terra, tudo precisa ser deles (Is 5,8). A esse respeito fazem proclamar entre os pobres o mandamento de Deus e falam: ‘Deus ordenou: Não furtarás’. Isso, porém não se aplica a eles. Obrigam todos os homens, arrancam a pele e rapam o pobre lavrador, o trabalhador manual e tudo o que vive (Mq, 3,2s), mas se alguém furta a mínima coisa, tem de ser enforcado. Vem então o Doutor Mentiroso e ainda diz: Amém. Deste modo os próprios senhores ensinam que o homem pobre lhes seja hostil. Não querem remover a causa da revolta.¹⁵⁴

Mais adiante Müntzer se refere a Lutero como um pagão, pois chama aos príncipes com títulos que não lhe pertencem e também de ter escolhido o lado deles em detrimento aos outros. Ele diz:

Por que os denominas de altíssimos príncipes já que o título não é deles, porém de Cristo? Porque os denominas de ilustríssimos? [hochgeborenen] – Eu julgava que fosses um cristão, assim porém és um arquipagão, e com tuas palavras fazes Júpiter e Minerva.¹⁵⁵

E continua:

Queres infiltrar-te hipocritamente com lisonjas no mundo errante? (Lc 9,25). Entretanto quiseste justificar todos os homens. Mas tu sabes muito bem a quem deves renegar. Os pobres monges e sacerdotes e comerciantes não conseguem se defender, por isso te é fácil recriminá-los. Entretanto afirmas que ninguém deve julgar os regentes ímpios, mesmo que pisem Cristo com os pés. E depois, para satisfazer o camponês, escreves que os príncipes serão arruinados pela palavra de Deus e falas em tua glosa sobre o mais recente mandato imperial: os príncipes serão derrubados do trono. – Também os encaras como comerciantes injustos. Mas deveria pegar os teus príncipes pelo nariz, pois talvez o mereceram em mais alto grau que os outros. O que eles cedem em exigências? O que cedem em seus juros e espoliações, etc.? Porém ainda que tenhas xingado os príncipes, certamente de novo conseguirás animá-los. Tu, novo papa, os contemplas com mosteiros e igrejas; e assim eles estão

¹⁵⁴ MÜNTZER, em DE BONI, 2000, pág. 212.

¹⁵⁵ Ibidem, pág. 219.

satisfeitos contigo. Eu te dou o conselho, senão o camponês poderia intervir!¹⁵⁶

Ao finalizar o texto, ele afirma que deixou Allstedt após sua audiência em Weimar, pois seus conselheiros municipais o traíram e pretendiam entregar aos seus inimigos. Ele afirma:

Sacudi a poeira dos meus sapatos, pois vi com meus próprios olhos que eles observavam muito mais seus juramentos e obrigações perante os príncipes do que a palavra de Deus. Preferiram servir a dois senhores, um contra o outro; como Deus os socorreu de maneira mais evidente, livrando-os da força do urso e do leão, também os teria livrado da mão de Golias (1Sm 17,36s). Ainda que Golias tenha confiado em seu escudo e em sua espada, Davi lhe dará boa lição. Saul também começou algo bom, mas depois de longas maquinações, quem consumou a obra foi Davi, que é tua alegoria, ó Cristo, e a dos teus queridos amigos, os quais conservas diligentemente.¹⁵⁷

Assim, Müntzer dá o teu recado final aos nobres, representados por Golias, que confiam em seu poder da espada, dizendo que Davi, uma analogia à Cristo e aos verdadeiros cristãos, iriam ensinar uma boa lição. Ou seja, Cristo daria condições ao povo comum, este que na concepção de Müntzer desde o Manifesto de Praga, são os verdadeiros cristãos, teriam forças para derrubar o gigante Golias, neste caso, os príncipes.

De Boni afirma que este texto foi escrito para ser lido principalmente pelo povo, pois a tradução ao final do texto do latim feita pelo próprio Müntzer indica esse objetivo de pessoas que conheciam apenas o alemão pudessem entender o recado final.¹⁵⁸ Dado a dedicatória à Cristo e à sua igreja presente no início, este texto é um convite dele para os camponeses tomarem uma atitude contra os príncipes.

3.3 O confronto

No início de 1525, já eclodiam diversos levantes de camponeses pela Alemanha. Apesar de serem grupos independentes e sem nenhuma organização específica, várias vitórias ocorreram no início. Durant cita alguns casos dessas primeiras vitórias iniciais como

¹⁵⁶ Ibidem, pág. 219.

¹⁵⁷ Ibidem, pág. 225.

¹⁵⁸ DE BONI, 2000, pág. 325

Em Rotenburg, onde os padres foram expulsos da catedral, as imagens religiosas foram destruídas, uma capela foi arrasada (27 de março de 1525), e as adegas de vinho clericais foram esvaziadas com alegria triunfante. As cidades sujeitas aos senhores feudais renunciaram a sua vassalagem; cidades episcopais exigiram a cessação dos privilégios clericais, e amotinaram-se pela secularização da propriedade eclesiástica. [...] Muitos do baixo clero, hostis à hierarquia, apoiaram a revolta.¹⁵⁹

É no meio desse baixo clero que surgem figura como Henry Pfeiffer, Jakob Wehe e até mesmo Thomas Müntzer. Seja pela inspiração em Lutero pela livre interpretação da Bíblia, seja pelo desdém à hierarquia eclesiástica, parte do baixo clero acabou se envolvendo com a Guerra Camponesa, provavelmente atrelada a mudança jurídico-religiosa que a reforma vinha causando. Segundo o pastor e historiador Ricardo W. Rieth, a insurreição camponesa estava relacionada a necessidade “de combater as inovações pretendidas pelos senhores no plano constitucional”,¹⁶⁰ estas inovações, como o direito romano, rompiam com o direito antigo próprio da relação feudal e precisavam ser combatidos e para isso, foi adotada uma espécie de direito divino, que ultrapassava as limitações mundanas, pois vinha de Deus.

Era o direito que correspondia à ordem da criação. Em contato com o pensamento da Reforma, por sua vez, o direito divino acabou assumindo um caráter de validade universal, deixando de vigir apenas em localidades e épocas isoladas e passando a dizer respeito a todas as questões em todos os tempos. Não mais se tratava somente da tradição antiga, [...] mas de um direito que se manifestava na Sagrada Escritura.¹⁶¹

A reação dos príncipes não demorou muito, já em abril desse mesmo ano, um exército contratado pela Liga da Suábia cercou a cidade de Leipheim que havia sido tomada pelos camponeses, prendeu seus líderes e os decapitou, entre eles, o padre Jakob Wehe.¹⁶² Segundo Rieth, esta foi a primeira vitória da Liga da Suábia sobre os camponeses.¹⁶³ Pouco depois, camponeses sitiaram a cidade de Weinsberg e pediram uma conferência com o conde Ludwig Von Helfenstein. O conde enviou seus cavaleiros que massacraram a delegação de camponeses. Os camponeses então invadiram a cidade de surpresa, capturaram o conde e seus cavaleiros e

¹⁵⁹ DURANT, 2002, pág. 324.

¹⁶⁰ RIETH, em Obras Seleccionadas, vol. VI, 1996, pág. 275.

¹⁶¹ RIETH, em Obras Seleccionadas, vol. VI, 1996, pág. 275.

¹⁶² DURANT, 2002, pág. 324.

¹⁶³ RIETH, em Obras Seleccionadas, vol. V, 1996, pág. 274.

os assassinaram.¹⁶⁴ Esta invasão “marcou o início de uma séria de vitórias dos rebeldes, mas simultaneamente maculou a imagem dos camponeses diante da opinião pública por causa da chacina de famílias da nobreza local”.¹⁶⁵

Os meses de abril e maio de 1525 foram o ápice da Guerra Camponesa, com revoltas e invasões ocorrendo em diversos lugares e, como nos diz Durant, havia uma fúria muito grande contra a Igreja Romana e conventos e mosteiros eram alvos de seus ataques.

Em quase todas as partes da Alemanha grupos de camponeses faziam motins. Saqueavam-se mosteiros, ou eram obrigados a pagar resgates fortes. ‘Em parte alguma’, diz uma carta de 7 de abril de 1525, ‘os insurrectos fazem segredos de... sua intenção de matar todos os clérigos que não romperem com a Igreja, destruir todos os claustros e palácios episcopais, e arrancar completamente a religião católica do país’. Isto é talvez exagero, mas podemos observar que na Baviera, Áustria e no Tirol, onde o protestantismo tinha sido aparentemente abolido, os rebeldes tomaram muitas cidades, e obrigaram o arquiduque Fernando a concordar em que todos os sermões seriam dali em diante segundo as Escrituras – característica exigência protestante.¹⁶⁶

É em meados de maio que Lutero, diante das ações dos camponeses, publica um panfleto intitulado *Contra as Hordas Salteadoras e Assassinas dos Camponeses*¹⁶⁷. De acordo com Rieth, Lutero estava em viagem pela Turíngia e “estava se defrontando com acontecimentos que alteraram gravemente sua percepção anterior do movimento camponês”.¹⁶⁸ Ao tomar conhecimento das diversas rebeliões camponesas pela Alemanha, segundo Rieth, Lutero percebeu que o pedido de orientação segundo as Escrituras contido nos Doze artigos não era verdadeiro e “por manifestarem uma falsa intenção, os protagonistas da rebelião teriam se colocado no mesmo plano que Tomás Müntzer”.¹⁶⁹ Neste panfleto, Lutero condena as ações camponesas, afirmando que

eles passaram à violência e, esquecendo seus propósitos, assaltam e esbravejam, comportando-se como cachorros loucos. [...] Esses camponeses se tornam triplamente culpados perante Deus e perante os homens, pelo que

¹⁶⁴ DURANT, 2002, pág. 325.

¹⁶⁵ RIETH, em Obras Seleccionadas, vol. VI, 1996, pág. 274-275.

¹⁶⁶ DURANT, 2002, pág. 325.

¹⁶⁷ Obras Seleccionadas, vol. VI, 1996, pág. 330.

¹⁶⁸ RIETH, em Obras Seleccionadas, vol. VI, 1996, pág. 330.

¹⁶⁹ Ibidem, pág. 331

mereceram a morte múltiplas vezes.¹⁷⁰

Segundo Lutero, os camponeses cometeram três pecados principais e merecem ser punidos por isso. O primeiro foi jurarem “fidelidade e reverência a suas autoridades” e negarem fazer isso, indo contra a vontade de Deus,

eles comprometeram corpo e alma, como costumam fazer os patifes e os safados infiéis, mentirosos, perjuros e desobedientes; pelo que Paulo sentencia sobre eles em Rm 13.2: ‘Aquele que se opõe à autoridade, resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmo condenação’. Essa palavra por fim, também atingirá os camponeses, pois Deus quer que haja fidelidade e cumprimento do dever.¹⁷¹

O segundo pecado é exatamente a rebelião, pois “assaltam e saqueiam escandalosamente conventos e castelos que não lhes pertencem”.¹⁷² E o terceiro, é usarem a Bíblia para justificarem seus atos, onde

acobertam esse terrível e horripilante pecado com o Evangelho, dizendo-se irmãos cristãos; eles aceitam juramentos de fidelidade e reverências, e obrigam as pessoas a acompanharem essas barbaridades, com o que se tornam os maiores blasfemadores e sacrílegos de seu santo nome, louvando e servindo ao diabo sob aparências do Evangelho.¹⁷³

Para Lutero, os camponeses, tais como o papa e a cúria romana fizeram, deturparam o Evangelho para atender as suas necessidades. Segundo ele, “o Evangelho não estabelece a comunhão dos bens, salvo para aqueles que queiram praticá-la espontaneamente”.¹⁷⁴

Este panfleto, ainda que escrito contra todos os grupos de revoltosos, tinha um destino, ou melhor, um culpado: os líderes em Mühlhausen, a quem Lutero chama de “diabo-chefe”,¹⁷⁵ provavelmente se referindo a Müntzer, a quem, segundo Rieth “era objeto de grande simpatia popular”.¹⁷⁶ Müntzer esteve pelo menos duas vezes em Mühlhausen, na primeira, ainda em 1524, mudou-se para lá após sair de Allstedt e permaneceu pregando, mesmo com a advertência

¹⁷⁰ LUTERO, em Obras Seleccionadas, vol. VI, 1996, pág. 332.

¹⁷¹ Ibidem, pág. 332.

¹⁷² Ibidem, pág. 332.

¹⁷³ Ibidem, pág. 333.

¹⁷⁴ Ibidem, pág. 333.

¹⁷⁵ Ibidem, pág. 332.

¹⁷⁶ RIETH, em Obras Seleccionadas, vol. VI, 1996, pág. 301.

por escrito de Lutero para os burgomestres da cidade. Em Mühlhausen, segundo nos relata Rieth, “Com cerca de duzentos partidários, Müntzer e Pfeiffer marcharam para fora da cidade, conduzindo a sua frente uma espada desembainhada, símbolo do juízo, e uma cruz vermelha, símbolo das cruzadas”.¹⁷⁷

A sua segunda ida a Mühlhausen ocorreu em fevereiro de 1525, já no contexto da Guerra Camponesa, provavelmente utilizando esse tempo para convocar seus seguidores para se juntarem a revolta como fica evidente em sua carta para o povo de Allstedt em abril. Onde ele clama ao povo para que não tenham medo e se rebelarem contra os nobres, a quem ele chama por Nimrod.

Go to it, go to it, while the fire is hot! Don't let your sword grow cold, don't let it hang down simply! Hammer away ding-dong on the anvils of Nimrod, cast down their tower to the ground! As long as they live it is impossible for you to rid yourselves of the fear of men.¹⁷⁸

Ainda em abril, ele escreve ao povo de Frankenhäusen, avisando que não enviaram duzentos homens como eles haviam pedido “but rather everyone, as many as we have, wants to come to you, marching through all the country-side and on the way placing ourselves at your disposal”.¹⁷⁹

Com isso, Müntzer começa a organizar a sua partida para Frankenhäusen, onde os camponeses haviam se revoltado e agora estavam em vias de serem atacados pelos príncipes e pediam ajuda dos simpatizantes da causa senão “our Christian blood Will be shed in great quantities”.¹⁸⁰

As diversas trocas de correspondências entre Müntzer e os concílios e assembleias das cidades da região nos meses de abril e maio indicam que por toda a região, movimentos camponeses eclodiam com os mais diversos líderes. No entanto, a carta do conde Günther Von Schwarbug datada de 12 de maio, demonstra que a liderança de Müntzer entre os camponeses era reconhecida pela nobreza. Nesta carta, o conde pede à Müntzer para explicar aos demais “irmãos cristãos” que por causas das várias rebeliões camponesas em seu território, ele não

¹⁷⁷ RIETH, em Obras Seleccionadas, vol. VI, 1996, pág. 301.

¹⁷⁸ MÜNTZER, em MATHESON, Peter. The Collected Works of Thomas Müntzer, 1994, pág. 142.

¹⁷⁹ Ibidem, pág. 144.

¹⁸⁰ Ibidem, pág. 148.

poderia se juntar a eles em Frankenhausen.¹⁸¹

Entre os dias 9 e 11 de maio, Müntzer viaja para Frankenhausen, de onde começa a enviar cartas “ultimatos” aos nobres. Ao conde Ernst de Mansfeld ele diz:

I, Thomas Müntzer, one-time pastor of Allstedt, do urge and exhort you, unnecessary though it should be, to abandon your tyrannical raging for the sake and in the name of the living God and to provoke the wrath of God no longer. You it was who began the martyring of the Christians; you it was who denounced the holy Christian faith as villainy; you it was who dared to eradicate the Christians. Just tell us, you miserable, wretched sack of worms, who made you a prince a over the people whom God redeemed with his dear blood?¹⁸²

Ele também escreve ao conde Albert Von Mansfeld, que era um grande apoiador da reforma, com o mesmo teor da carta para o conde Ernst, “profetizando” sobre o destino que Deus havia decidido para os príncipes, no entanto, a carta parece ser uma resposta as críticas de Lutero no panfleto *Contra as Hordas Salteadoras e Assassinas dos Camponeses* assim como de outros textos onde Lutero cedia toda a autoridade nas mãos dos nobres. Müntzer diz

Fear and trembling upon all who do evil, Romans 2. Your quite awful misuse of the epistle of Paul distresses me. You want to give the wicked authorities licence to do whatever they like, just as the Pope used Peter and Paul as slave-drivers. Do you think that the Lord God is unable to arouse his uncomprehending people, to depose the tyrants in his wrath? Hosea 13 and 8. Didn't the mother of Christ speak of you and your like through the holy spirit whe she prophesied in Luke 1: 'The might he has cast down from their seats and the lowly (whom you despise) he has raised'. Couldn't you find in your Lutheran pudding and your Wittenberg soup what Ezekiel has prophesied in his thirty-seventh chapter? You haven't even been able to detect the flavour, because of that Martinian peasant filth of your, of what the same prophet goes on to say in the thirty-ninth chapter, that God instructs all the birds of the heavens to consume the flesh of the princes; whilst the brute beasts are to drink the blood of the big wigs, as the secret revelation describes, chapters 18 and 19? Do you imagine that God is less concerned about his people than he is

¹⁸¹ Cf MATHESON, Peter, *The Collected Works*, 1994, pág. 154.

¹⁸² MÜNTZER, em MATHESON, Peter. *The Collected Works of Thomas Müntzer*, 1994, pág. 155.

about you tyrants? Under the name of Christ you want to act the pagan and to use Paul as a cover-up. But your way will be blocked, you can be sure of that.¹⁸³

Neste trecho, Müntzer deixa claro seu posicionamento sobre Lutero e como, na visão dele, ele havia subvertido as Escrituras e estava deixando as pessoas “cegas” diante da revelação do Evangelho pregado por Müntzer. Assim como na carta para o conde Ernst, o seu foco é a tirania dos príncipes e avisa que Deus irá condená-los por isso. No entanto, ele dá uma saída aos príncipes:

If you will admit, Daniel 7, that God has given power to the common man, and appear before us to give an account of your faith, we will be glad to permit this and to regard you as our common brother. But if not, then we will not give the least heed to your lame, limp antics but will fight against you as an arch-enemy of the Christian faith; so you know what to expect.¹⁸⁴

No dia 13 de maio, Müntzer pede reforços ao povo da cidade de Erfurt para lutar contra os “sem-Deus, malvados tiranos”.¹⁸⁵ Ele pede que enviem homens e canhões e os convida para a batalha.

If, then, you long for truth then come and join us in the dance, for we want to tread it out evenly, so that we can really pay back those blasphemers of God for playing about with the poor Christian people as they have. Write to tell us what your view is, for we mean will by you, my very dearest brothers.¹⁸⁶

Em sua concepção o levante contra os nobres era uma guerra santa, firmada na certeza da vontade de Deus pelos camponeses; Não haviam razões para ter medo, pois “almost all of the pronouncements of scripture testify that the creatures must be set free if the pure word of God is to dawn”.¹⁸⁷ Assim, pela vontade de Deus, todas as criaturas deveriam ser livres, inclusive da servidão.

Segundo Matheson, a congregação de Erfurt se recusou a aceitar a carta, muito provavelmente por medo da reação dos nobres que já estavam chegando em Frankenhausen e

¹⁸³ MÜNTZER, em MATHESON, Peter. *The Collected Works of Thomas Müntzer*, 1994, pág. 156-157.

¹⁸⁴ *Ibidem*, pág. 157.

¹⁸⁵ *Ibidem*, pág. 158.

¹⁸⁶ *Ibidem*, pág. 159.

¹⁸⁷ *Ibidem*, pág. 159.

se organizavam para a batalha contra os camponeses. No dia 15 de maio, com o cerco formado nos campos de Frankenhausem, os camponeses escrevem para os príncipes.

We confess Jesus Christ.

We are not here to harm anyone, John 2, but to see that divine justice is maintained. We are not here to shed blood, either. If your aims are the same, then we have no desire to harm you. Everyone should be guided by that.¹⁸⁸

Em seguida, os príncipes enviam a respostas aos “irmãos” em Frankenhausem.

To be delivered to the brothers at Frankenhausem.

Since the vicious ways you have adopted and the seductive teaching of that false gosseller of yours have caused you to commit murder, arson and countless insults to God, blaspheming against our saviour Jesus Christ and in particular the holy and most blessed sacrament and in many other ways, we - as those to whom God has entrusted the sword - are gathered here to punish you as blasphemers against God. Despite this, however, we are led by Christian love and especially by our conviction that many a poor man has been wickedly seduced to such actions, to decide as follows: If you turn over to us, alive, the false prophet Thomas Müntzer and his immediate following, and throw yourselves completely onto our mercy, our treatment of you and decisions in respect to you will be such that you may yet if circumstances permit, find favour in our eyes. We expect a speedy reply from you.¹⁸⁹

Desta forma, os príncipes deram o seu “ultimato” contra os camponeses, exigindo que entregassem Müntzer e seus principais seguidores, assim os camponeses teriam a chance de sobreviverem. Estas duas cartas foram as únicas trocas de correspondências entre ambos os lados em Frankenhausem que chegaram até os dias atuais. A nítida diferença no tom entre as cartas denota as expectativas com a batalha. Para os camponeses, a manutenção da justiça divina, aquela que diz que “todas as criaturas devem ser livres” conforme disse Müntzer, já os príncipes, querem trazer a justiça divina para os “blasfemadores”, pois Deus os confiou a espada para isso, como orientou Lutero.

Ernst Bloch relata que o exército dos príncipes continha “oitocentos cavalos armados,

¹⁸⁸ Cf MATHESON, 1994, pág. 159.

¹⁸⁹ Cf MATHESON, 1994, pág. 159-160.

três mil infantas e uma artilharia já provada no assalto ao castelo de Franz Von Sicanizen”.¹⁹⁰ Diante disso, segundo ele, “Müntzer tentou, então, inflamar pela última vez seu povo, arrebatá-lo, confiando na ajuda sobrenatural, quando não se podia esperar qualquer ajuda terrestre, durante todas as traiçoeiras negociações intermediárias”,¹⁹¹ já o número de camponeses era de cerca de oito mil.¹⁹² Ele ainda nos relata, que um dos seguidores de Müntzer, Hans Hut, após tortura disse que antes da batalha Thomas Müntzer fez uma última pregação antes da batalha e teria dito “vocês veem agora o arco-íris, aliança, e sinal que Deus os quer ter consigo; devem agora lutar com entusiasmo e audácia”.¹⁹³ Na biografia que Felipe Melanchthon escreveu sobre Thomas Müntzer, ele narra a pregação de Müntzer para os camponeses com um conteúdo parecido.

Não vos deixeis assustar, carne fraca, e atacai ousadamente os inimigos. Não temais o canhão, pois deveis observar que abarcarei todas as pedras dos arcabuzes por eles preparados contra nós. Sim, vede que Deus está ao nosso lado, pois não nos dá Ele um sinal no arco-íris do céu? Isto significa que Deus quer ajudar-nos, a nós que temos o arco-íris em nossa bandeira, e ameaça com julgamento e pena os príncipes assassinos.¹⁹⁴

E assim, sob o símbolo do arco-íris que apareceu nos céus e estava nas bandeiras dos camponeses, eles marcharam para o confronto. Durant¹⁹⁵ e Bloch¹⁹⁶ estimam que cerca de cinco mil camponeses foram mortos nessa batalha, boa parte dos camponeses fugiram e trezentos foram presos e condenados a morte.¹⁹⁷ A partir desse momento os nobres mantiveram o movimento de repressão contra os demais levantes camponeses pela Alemanha. Pfeiffer e cerca de mil e duzentos soldados foram derrotados em Mühlhausen. George Truchsess Von Waldburg, comandante militar da Liga da Suábia, continuou as investidas e retomou as cidades de Weinsberg, Königshofen, Ingolstadt e Vürzburg.¹⁹⁸ Segundo Durant, até o dia 27 de maio, haviam sido mortos cerca de vinte mil camponeses só na região da Alsácia. A resposta dos nobres e as punições que eles infligiram foram tão severas que na Dieta de Augsburgo foi

¹⁹⁰ BLOCH, 1973, pág. 68.

¹⁹¹ Ibidem, pág. 68-69.

¹⁹² Ibidem, pág. 70.

¹⁹³ HUT, Hans. Apud BLOCH, 1973, pág. 70.

¹⁹⁴ MELANCHTON, Felipe. Apud BLOCH, 1973, pág. 70.

¹⁹⁵ DURANT, 2002, pág. 327.

¹⁹⁶ BLOCH, 1973, pág. 71.

¹⁹⁷ DURANT, 2002, pág. 327.

¹⁹⁸ DURANT, 2002, pág. 327.

emitido um ofício pedindo moderação nas penas aos camponeses.¹⁹⁹ Ainda segundo ele,

as perdas de vidas e propriedades alemãs na Revolta dos Camponeses só seriam superadas pela Guerra dos Trinta Anos. Só entre os camponeses morreram uns 130.000 em combate ou castigo. Houve 10.000 execuções sob a jurisdição da Liga da Suábia, o carrasco de Truchsess gabava-se de ter matado 1200 condenados com suas mãos peritas. Os próprios camponeses tinham destruído centenas de castelos e mosteiros. Centenas de aldeias e cidades tinham ficado desabitadas ou arruinadas, ou empobrecidas pelas pesadas indenizações. Mais de 50.000 camponeses sem teto enchiam as estradas ou se ocultavam nos bosques.²⁰⁰

Quanto a Thomas Müntzer, ele foi capturado e levado para o castelo de Heldringen, onde foi torturado e morto. Antes de ser morto, ele escreveu uma última carta, datada de 17 de maio, para o povo de Mühlhausen. A carta, já com o tom de despedida e testamento mostra um Müntzer diferente do pregador espirituoso que há poucos dias havia condenado os príncipes e sua tirania. Escrita após as torturas, ele começa dizendo que foi mal compreendido e que muitos buscavam apenas os próprios interesses.

Que a Salvação e a Bem-Aventura perante o medo, a morte e o inferno esteja com vocês, queridos irmãos. Pela bondade de Deus eu deveria sair daqui com o verdadeiro conhecimento do Nome Divino em recompensa por certos abusos que o povo abraçou, não me entenderam corretamente – eles buscavam apenas os próprios interesses, e assim, a Verdade Divina foi derrotada – Eu, também, estou profundamente feliz que Deus tenha conduzido as coisas desse modo. Para isso, como todas as ações de Deus são feitas, não se pode julgar pelo o que nós vemos, mas devemos julgar na Verdade, João 7.²⁰¹

Müntzer agora orienta aos camponeses para não seguirem o caminho da rebelião, mas procurarem a piedade dos príncipes.

Não permitam que a minha morte, lá na frente, seja uma pedra de tropeço para vocês, pois ela ocorrerá para o benefício dos bons e os comuns. [...] Queridos Irmãos, é muito importante que o desastre acontecido com os homens em Frankenhausem não seja o de vocês também; e não há dúvidas de seu motivo:

¹⁹⁹ Ibidem, pág. 328.

²⁰⁰ Ibidem, pág. 328.

²⁰¹ Tradução feita da carta de MÜNTZER, em MATHESON, 1994, pág. 160.

todos estavam mais preocupados com seus próprios interesses do que trazer a justiça ao povo cristão. No futuro, ficará claro a distinção entre estes; Cuidado para que vocês não tragam mais dano sobre si. É para o bem de vocês que eu me refiro ao assunto de Frankenhausem, que terminou em um grande derramamento de sangue, de fato foram mais de quatro mil pessoas mortas. Sigam em frente na Justiça Inabalável de Deus, e estas coisas, não irão acontecer com vocês. Eu tenho freqüentemente alertado vocês que o único jeito de escapar da ira e castigo de Deus – que a autoridade executa – é reconhecer o mal que virá, e isso sempre pode ser reconhecido. Portanto, estejam de bem com todos os homens e não amarguem mais as autoridades, como muitos fazem pelos seus próprios interesses. Que a graça de Cristo e o seu Espírito preservem vocês. Com esta carta na mão de Christopher Laue, eu entrego meu espírito nas mãos de Deus e desejo a vocês a benção do Pai, o Filho e o Santo Espírito.²⁰²

Após isso, ele se despede, pede para que cuidem de sua esposa e por fim, é decapitado e sua cabeça foi empalada em Mühlhausen para que servisse de exemplo.²⁰³ No entanto, Bloch, citando Lutero diz que “Em Mühlhasen, no local onde foi empalada a cabeça de Müntzer, diz-se que os passos dos visitantes, habitantes da cidade estranhos, tão freqüentemente pisaram aquele solo que quase se parece com uma via pública; e se os magistrados não intervissem, ter-se-ia venerado Müntzer como a um santo”.²⁰⁴

Apesar de sua morte e a forte repressão dos príncipes contra os movimentos dos camponeses, suas doutrinas se espalharam e aos poucos novos movimentos anabatistas começaram a se espalhar pela Europa. A crença de Müntzer que todos os homens deveriam ser livres e que todas as coisas deveriam ser comuns, séculos mais tarde, levaria intelectuais a taxá-lo assim como ao movimento camponês do século XVI como um movimento comunista, quando na verdade, a teologia de Müntzer era uma teologia cheia do misticismo alemão e direcionada a população que ele atendia: os camponeses. A perspectiva da liberdade bíblica e da comunhão entre os cristãos era a “igreja” que os camponeses desejavam.

Segundo Durant, além da incrível perda de vidas humanas e devastação econômica causada pela Guerra Camponesa, “a própria Reforma quase pereceu na Guerra dos

²⁰² Ibidem, pág. 160-161.

²⁰³ BLOCH, 1973, pág. 75.

²⁰⁴ LUTERO, apud BLOCH, 1973, pág. 75-76.

Camponeses”.²⁰⁵ Os críticos da reforma, inclusive o imperador Carlos V, viam como “um movimento luterano”. Ao mesmo tempo, os camponeses se puseram contra Lutero e seus seguidores por considerarem eles traidores. A publicação de sua carta contra os camponeses no ápice da guerra, levou Lutero a receber duras críticas por todos os lados pelo seu discurso para que os príncipes usassem a espada. As críticas levaram Lutero a escrever mais um texto sobre os camponeses, na *Carta Aberta a Respeito do Rigoroso Livrinho contra os Camponeses* publicada em julho de 1525 onde ele mantém o tom contra os camponeses e também crítica aqueles que o julgam pelo seu posicionamento. Por fim, Lutero acredita que senão tivessem tomado essas atitudes, as coisas poderiam ficar pior.

Pois se o intento do diabo tivesse prosperado nos camponeses e Deus não os tivesse barrado com a espada, em atenção às preces de cristãos piedosos, terias visto que por toda a Alemanha teria acontecido o que acontece agora àqueles que são massacrados e mortos, e até pior ainda; ninguém teria ficado seguro em relação ao outro; qualquer um teria morto o outro, queimado sua casa e instalações, estuprado mulher e filha, porque isso não partiu de Deus e não havia ordem para isso; foi-a combinado entre eles que ninguém confiasse e acreditasse no outro. Eles destituíram um superior após o outro, e seus superiores tinham que se portar, não como gente decente, mas como os mais devassos vagabundos queriam e mandavam; é que o diabo tinha por propósito devastar a Alemanha toda, porque de outra forma não poderia barrar o Evangelho. Quem sabe o que ainda vai acontecer se continuarmos reclamando desse modo e com nossa ingratidão? Deus pode muito bem levar os camponeses de novo à loucura, ou então fazer surgir outra coisa, de maneira que no fim fique pior do que está agora. A mim me parece que foi uma boa e forte admoestação e ameaça; se a ignorarmos e não lhe dermos atenção, se tememos a Deus, teremos que ver o que vem aí. Queira Deus que o acontecido não tenha sido uma brincadeira, à qual venha seguir coisa realmente séria.²⁰⁶

Ainda que Lutero não tenha amenizado o seu tom contra os camponeses, ele estava diante de um conflito muito maior do que imaginara quando publicou suas 95 teses em 1517. A Reforma iniciada em Wittenberg havia tomado proporções inesperadas e a ordem divina para o universo estava em jogo. Grupos de camponeses realizavam pilhagens indiscriminadas. Aos

²⁰⁵ DURANT, 2002, pág. 329.

²⁰⁶ LUTERO, em Obras Seleccionadas, vol. IV, 1996, pág. 355.

olhos de Lutero, toda a autoridade procedia de Deus e para governar a terra, haviam sido instituídos os príncipes, então a desobediência da lei e da ordem não podia ser tolerada. Segundo Durant

Ele deve ter-se sentido um tanto em dívida pessoal para com os príncipes e nobres que o tinham protegido em Wittenberg e Worms e em Wartburg, e podia muito bem perguntar a si mesmo quem o salvaria contra Carlos V e Clemente VII se o poder principesco deixasse de amparar a Reforma. A única liberdade que lhe parecia digna de se lutar por ela era a liberdade de adorar a Deus, buscar a salvação segundo a própria consciência. Que diferença fazia que, nesse breve *Vorspiel* para a vida eterna, o indivíduo fosse príncipe ou escravo? Nós deveríamos aceitar nossa condição neste mundo sem nos queixarmos, presos de corpo e de dever, porém livres na alma e na graça de Deus.²⁰⁷

Já os camponeses, haviam escutado as suas palavras, suas ideias de insurreição contra o poder da Igreja Romana, acreditaram que a Reforma “santificara a sua causa, sublevara-os à esperança e à ação, e abandonara-os na hora decisiva”.²⁰⁸ De acordo com Durant, parte dos camponeses se desligou de igrejas, outros continuaram seguindo os passos de Müntzer e outros grupos religiosos de menor proporção, mas igualmente “anabatistas” e se espalharam pela Europa, principalmente Suíça e Países Baixos.

²⁰⁷ DURANT, 2002, pág. 330.

²⁰⁸ Ibidem, pág. 330.

Conclusão:

A crise social gerada pela Revolta Camponesa, quase levou a derrocada da reforma de Lutero. Segundo Durant

As declarações extremadas de Lutero sobre a Guerra dos Camponeses escandalizam-nos hoje porque a ordem social foi tão bem estabelecida que nós acreditamos em sua continuidade, e podemos tratar com brandura os poucos que a perturbassem com violência. [...] Os acontecimentos justificavam sua advertência de que a revolução religiosa pela qual arriscara a vida seria seriamente ameaçada pela reação conservadora que se deveria seguir a uma revolta malograda.²⁰⁹

Lutero e Müntzer, jamais se viram como agentes políticos ou sequer pensaram em legislar sobre isso, no entanto, seus projetos de reformas na Igreja, iam muito além de questões teológicas. Conceitos como livre interpretação da Bíblia e sacerdócio universal defendidos por Lutero, permitiram de forma teológica, o questionamento da ordem instituída no mundo, afinal, se todos são sacerdotes de Cristo e podem interpretar as Sagradas Escrituras, já não há mais poder algum à Igreja. Dentro das fronteiras do Sacro Império, mesmo após os exércitos dos príncipes esmagarem as revoltas camponesas que se seguiram à 1525, a política imperial seria afetada por muitos anos ainda pelos reflexos da Reforma. As diversas tentativas imperiais de subjugar o luteranismo se mostraram infrutíferas. Os príncipes luteranos estavam poderosos demais para se dobrarem a vontade de um imperador, e em 1555, durante a Dieta de Augsburgo, os nobres luteranos mais uma vez se puseram em defesa dos artigos da Confissão de Augsburgo de 1530. Assim, como diz Durant

As armas e as circunstâncias favoreceram de tal modo os protestantes que eles pediram tudo: deveriam ser livres para a prática de sua fé em todo o território alemão; o culto católico deveria ser proibido no território luterano; os confiscos presentes e futuros da propriedade da Igreja considerados válidos e irrevogáveis.²¹⁰

Por fim, ficou estabelecido que o princípio *cuius regio eius religio*, ou seja, a religião em vigor na região seria a oficial. Basicamente, cada príncipe se tornou o chefe da igreja dentro

²⁰⁹ Ibidem, pág. 330.

²¹⁰ Ibidem, pág. 381.

de seu território, da mesma forma como Henrique VIII o fez na Inglaterra.²¹¹ Era a doutrina luterana que “derrubava” o poder imperial.

Como é possível notar, a Reforma serviu muito além de contestar a corrupção da Igreja Católica Romana e seu distanciamento do cristianismo bíblico. Ela foi um espaço de questionamentos sociais sobre a “ordem do mundo”. Ainda que Lutero não tenha no início proposto o rompimento e criação de uma nova igreja, a resistência da Cúria Romana e os anseios da nobreza pela aquisição de terras e redução do poder da Igreja, levaram a formação de uma nova igreja pautada nas doutrinas dele, e aos poucos, seus seguidores foram sendo denominadas luteranos para identifica-los dos católicos e demais grupos reformados. Lutero buscava retomar para a Igreja seu papel estritamente religioso, colocando as coisas do mundo sob a tutela dos governantes, e à Igreja, o papel de levar a expiação do Cristo crucificado e o consolo do Cristo ressuscitado para que todos os cristãos alcançassem a liberdade pós-morte.

Müntzer por outro lado, acreditava que a “ordem do mundo” não deveria ser diferente da “ordem divina”, assim, era necessário aos cristãos buscar em vida a construção de um “Reino Celestial” na terra. Para ele, a corrupção, a ganância e o orgulho eram os inimigos do cristianismo e estavam personificados no clero e na nobreza, estes haviam roubado a ordem divina e precisavam ser destituídos de seus postos, ainda que pela força, para que a ordem fosse restaurada.

Se Lutero, do seu ponto de vista exige a distinção entre os “Dois Reinos”, um terreno e outro celestial, Müntzer os unifica em uma coisa só. Lutero deu os primeiros passos para a laicização política ao subordinar a Igreja ao Estado; Müntzer desejou trazer o “Reino Celestial” para a terra, construindo uma sociedade utópica aos moldes do cristianismo apostólico.

Por fim, mesmo com suas mortes, seus escritos serviram de inspiração para os mais diversos intelectuais, teólogos ou não. Seus escritos e “atos heroicos” são lembrados até os dias atuais, sejam para condenar ou reafirmar as doutrinas. É certo que sem as mudanças comerciais, o surgimento dos monopólios e os outros fatores citados anteriormente, não haveriam condições para que Lutero e outros reformadores obtivessem algum sucesso. As circunstâncias não só favoreceram como levaram a Europa à Reforma Protestante. Os reformadores foram “agentes de seu tempo”, e ao situá-los assim, buscamos dar um novo sentido aos movimentos religiosos, não para fazer juízos de valor, e sim para entender que no “mundo real”, a religião e a

²¹¹ Ibidem, pág. 381.

religiosidade sempre foram um reflexo da sociedade.

1) Fontes primárias:

LUTERO, Martinho. **Comércio e Usura.** In: Obras Seleccionadas. Vol. 5. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1995.

_____ **À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão.** In: Obras Seleccionadas, vol.2. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1989.

_____ **Exortação à Paz: Resposta aos Doze Artigos do Campesinato da Suábia.** In: Obras Seleccionadas, vol.6. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1994.

_____ **Contra as Hordas Salteadoras e Assassinas dos Camponeses.** In: Obras Seleccionadas, vol.6. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1994.

_____ **Posicionamento do Dr. Martinho Lutero Sobre o Livrinho Contra os Camponeses Assaltantes e Assassinos.** In: Obras Seleccionadas, vol.6. São Leopoldo: Sinodal e Porto Alegre: Concórdia, 1994.

MÜNTZER, Thomas. **Manifesto de Praga.** In: Escritos Seletos de Martinho Lutero, Tomás Müntzer e João Calvino. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ **Interpretação do segundo capítulo do Profeta Daniel.** In: Escritos Seletos de Martinho Lutero, Tomás Müntzer e João Calvino. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ **Pronunciamento de defesa altamente motivado.** In: Escritos Seletos de Martinho Lutero, Tomás Müntzer e João Calvino. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ **Müntzer to the people of Allstedt. 1525.** In: *The Collected Works of Thomas Müntzer.* Edinburg: T&T Clark, 1994.

_____ **Müntzer to Count Ernst of Mansfeld. Frankenhausem, 12 May 1525.** In: *The Collected Works of Thomas Müntzer.* Edinburg: T&T Clark, 1994.

_____ **Müntzer to Count Albert von Mansfeld. Frankenhausem, 12 May 1525.** In: *The Collected Works of Thomas Müntzer.* Edinburg: T&T Clark, 1994.

_____ **Müntzer to the people of Erfurt. Frankenhausem, 13 May 1525.** In: *The Collected Works of Thomas Müntzer.* Edinburg: T&T Clark, 1994.

_____ **Müntzer to the people of Mühlhausen. Heldrungen, 17 May 1525.** In: *The Collected Works of Thomas Müntzer*. Edinburg: T&T Clark, 1994.

THE PEASANTS at Frankenhausen to the Princes. Frankenhausen, 15 May 1525. In: *The Collected Works of Thomas Müntzer*. Edinburg: T&T Clark, 1994.

THE PRINCES to the Brothers at Frankenhausen. Frankenhausen, 15 May 1525. In: *The Collected Works of Thomas Müntzer*. Edinburg: T&T Clark, 1994.

SCHWARZBURG, Günther von. **Count Günther von Schwarzburg to Müntzer. Place unknown, 12 May 1525.** In: *The Collected Works of Thomas Müntzer*. Edinburg: T&T Clark, 1994.

2) Referências Bibliográficas:

BAYLOR, Michael G. **Revelation and Revolution. Basic Writings of Thomas Müntzer.** Bethlehem: Lehigh University Press, 1993.

BLOCH, Ernst. **Thomas Müntzer, Teólogo da Revolução.** Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1973.

CLASEN, Claus-Peter. **Anabaptism, a Social History, 1525-1618. Switzerland, Austria, Moravia, South and Central Germany.** Ithaca and London: Cornell University Press, 1972.

DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Escritos Seletos de Martinho Lutero, Tomás de Müntzer e João Calvino.** Petrópolis: Vozes, 2000.

DURANT, Will. **A Reforma: história da civilização europeia de Wyclif a Calvino: 1300-1564.** Tradução de Mamede de Souza Freitas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ENGELS, Frederick. **The Peasant War in Germany.** Translated by Moissaye J. Olgin in 1926 for International Publishers. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1850/peasant-war-germany/index.htm>

HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia.** 8ª Edição, Porto Alegre: Concórdia, 2014.

JANSSEN, Johannes. **History of the German People at the Close of the Middle Ages.** Vol.II, London: Paternoster House, 1896.

KAUTSKY, Karl. **Communism in Central Europe in the time of**

Reformation. Disponível em:

<http://www.marxists.org/archive/kautsky/1897/europe/index.htm>

MATHESON, Peter (Trans. and Ed.). **The Collected Works of Thomas Müntzer.** 1994, Edinburg: T&T Clark.

SALERNO, Marília & ZEMUNER, Adiloar Franco Zemuner. **A importância do Direito Romano na formação do jurista brasileiro.** Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 27, n.2, p. 125-133, jul./dez. 2006.

SCHAPIRO, Jacob Salwyn. **Social Reform and the Reformation.** New York: Columbia University, 1909.

STAYER, James M. **The German Peasants' War and the Anabaptist community of goods.** 1. Ed. Québec: McGill-Queen's University Press, 1991.

STAYER, James M. e PACKULL, Werner O. **The Anabaptists and Thomas Müntzer.** Iowa: Kendall/Hunt Publishing Company, 1980.